

2

Identificação e validação de alusões a Is 52,13-53,12 no texto paulino

Neste capítulo realizar-se-á a identificação de possíveis alusões a Is 52,13-53,12 em Rm 5,12-21 e em seguida buscar-se-á validar tais alusões através da aplicação dos critérios acima expostos.

2.1.

Identificação das alusões a Is 52,13-53,12 em Rm 5,12-21

A 28ª edição do *Novum Testamentum Graece* de Nestle-Aland aponta duas referências a Is 52,12-53,12 em Rm 5,12-21: uma a Is 53,11-12 em Rm 5,15 e outra a Is 53,11 em Rm 5,19¹²². A partir de uma análise prévia, vê-se que não podem ser classificadas como citações propriamente ditas, pois nesses casos a forma textual veterotestamentária não é reproduzida diretamente. Por isso, a partir das definições fornecidas por G. K. Beale, tende-se a classificá-las como alusões, pois tem-se uma combinação de certo número de palavras e ideias, as quais dependem de uma passagem veterotestamentária em uma combinação única¹²³. Porém, estas possíveis alusões devem ser validadas pela aplicação de critérios bem definidos.

מַעֲמַל נִפְשׁוֹ יִרְאֶה 53,11a	5,15a 'Αλλ' οὐχ ὡς τὸ παράπτωμα,
יִשְׁבֵּעַ 53,11b	οὕτως καὶ τὸ χάρισμα·
בְּדַעְתּוֹ יִצְדִּיק 53,11c	5,15b εἰ γὰρ τῷ τοῦ ἐνὸς
צְדִיק עֲבָדֵי לְרַבִּים	παραπτώματι οἱ πολλοὶ ἀπέθανον,
וְעֹנֹתָם הוּא יִסְבֹּל 53,11d	5,15c πολλῶ μᾶλλον ἢ χάρις τοῦ θεοῦ
לְכֹן אֲחֻלְקֵהוּ לְרַבִּים 53,12a	καὶ ἡ δωρεὰ ἐν χάριτι τῇ τοῦ ἐνὸς
וְאֶת־עֲצוּמִים יִחְלַק שְׁלָל 53,12b	ἀνθρώπου Ἰησοῦ Χριστοῦ εἰς τοὺς
תַּחַת אֲשֶׁר הָעֵרָה לְמוֹת נִפְשׁוֹ 53,12c	πολλοὺς ἐπέρισευσεν.
וְאֶת־פְּשָׁעִים נִמְנָה 53,12d	
וְהוּא חֲטָא־רַבִּים נִשָּׂא 53,12e	

¹²² Cf. *Novum Testamentum Graece*. NESTLE, E. - ALAND, K. 28ª ed., Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012, p. 860.

¹²³ Cf. BEALE, G. K. *Handbook on the New Testament Use of the Old Testament*, pp. 30-31.

<p>וְלִפְשָׁעִים יִפְגִּיעַ 53,12f</p>	
<p>מִעֲמַל נִפְשׁוֹ יִרְאֶה 53,11a יִשְׁבֶּעַ 53,11b בְּדַעְתּוֹ יִצְדִּיק 53,11c צְדִיק עֲבָדֵי לְרַבִּים וְעֹנְתָם הוּא יִסְבֵּל 53,11d</p>	<p>5,19a ὡςπερ γὰρ διὰ τῆς παρακοῆς τοῦ ἐνὸς ἀνθρώπου ἁμαρτωλοὶ κατεστάθησαν οἱ πολλοί, 5,19b οὕτως καὶ διὰ τῆς ὑπακοῆς τοῦ ἐνὸς δίκαιοι κατασταθήσονται οἱ πολλοί.</p>

2.2.

Validação das alusões a Is 52,13-53,12 em Rm 5,12-21

Sendo que as referências a Is 52,13-53,12 foram identificadas como alusões no item anterior, passa-se ao processo de validação de tais alusões pela aplicação dos critérios propostos por R. Hays¹²⁴ e apresentados como etapa metodológica por G. K. Beale¹²⁵.

2.2.1.

Disponibilidade

A discussão sobre a disponibilidade é basilar: se o texto das Escrituras de Israel não fosse disponível ao escritor, a existência da alusão não poderia ser nem mesmo tomada em consideração; e se o destinatário não tivesse conhecimento do texto aludido, tal alusão não surtiria o efeito desejado na argumentação elaborada pelo autor, restando incompreensível.

No que se refere às cartas paulinas, a formação recebida pelo Apóstolo e a sua dedicação ao judaísmo (cf. Fl 3,6; Gl 1,14) são provas eloquentes da sua familiaridade com os Escritos Sagrados do seu povo, o que auxilia a comprovação da disponibilidade não só do material escrito, mas também do fato de que os conhecia de memória:

O modo como maneja os escritos sagrados do seu povo revela a profunda familiaridade resultante de seu constante manuseio. Seria a marca do tempo em que

¹²⁴ Cf. HAYS, R. B. *Echoes of Scripture in the Letters of Paul*, pp. 29-32.

¹²⁵ Cf. BEALE, G. K. *Handbook on the New Testament Use of the Old Testament*, p. 33.

estava em sua família e de quando frequentava a Sinagoga em Tarso. Recordava os textos porque estava convencido de que as Escrituras lhe falavam pessoalmente. Eram uma voz não do passado, mas do presente. A revelação da providência de Deus despertou em Paulo aquele amor que o fez capaz de usar as Escrituras com tal liberdade, que muitas vezes permanece inexplicável. Apesar de ter abandonado a lei de Moisés como regra de vida, nunca perdeu de vista o sentido da Escritura como comunicação de Deus com o seu povo¹²⁶.

Importante também para comprovar a disponibilidade é destacar as citações e alusões a Isaías feitas por Paulo em seus escritos. No entanto, se tratará deste argumento ao se aplicar o critério da Recorrência. Basta aqui dizer que em seus escritos Paulo cita diretamente vinte e oito vezes Isaías¹²⁷ das quais, cinco vezes na Carta aos Romanos, diz ser Isaías a fonte da citação¹²⁸. Diante disso, resta bastante clara a disponibilidade de Isaías ao autor da Carta aos Romanos.

Quanto à disponibilidade de Isaías aos destinatários, deve-se recordar que as comunidades cristãs de Roma surgiram no contexto das comunidades judaicas da Urbe e, conseqüentemente, sofreram a influência destas no que se refere ao seu modo de vida, à sua organização¹²⁹. Pode-se afirmar que as comunidades cristãs não só emergiram do contexto judaico, mas também que este “é o primeiro âmbito de vida do cristianismo romano”¹³⁰, e, até mesmo pelo fato de estas não terem sido fundadas por Paulo, é possível sublinhar o seu caráter notadamente judaizante¹³¹.

Da forte ligação com o judaísmo, o qual se pode dizer que é seu *Sitz im Leben*, com suas práticas - o que inclui a leitura da Escritura nas Sinagogas aos sábados, mas também às segundas-feiras e quintas-feiras, costume este comum entre os judeus bem antes do ano 70 d.C., e provavelmente muito mais em uso entre as comunidades da diáspora cujas práticas eram preferencialmente seguidas pelas comunidades cristãs - pode-se deduzir a familiaridade das comunidades cristãs romanas com as Escrituras de Israel¹³². Tais leituras escriturísticas sinagoga-

¹²⁶ MURPHY-O’CONNOR, J. *Paulo de Tarso – História de um Apóstolo*. São Paulo: Paulus/Loyola, 2013, p. 26.

¹²⁷ DOUGLAS, A. O. *A Note on Paul’s Use of Isaiah*. *Bulletin for Biblical Research* 2 (1992) 108.

¹²⁸ Cf. Rm 9,27.29; 10,16.20; 15,12.

¹²⁹ Cf. GIGNAC, A. *L’épître aux Romains*. *Commentaire biblique: Nouveau Testament* 6, Paris: Cerf, 2014, p. 45; PENNA R. *Lettera ai Romani, introduzione, versione, commento*. Bologna: EDB, 2010, p. XIX.

¹³⁰ PENNA R. *Lettera ai Romani, introduzione, versione, commento*, p. XXII.

¹³¹ Cf. PENNA R. *Lettera ai Romani, introduzione, versione, commento*, p. XXV.

¹³² Cf. MAIER, J. *Entre os dois Testamentos - História e religião na época do Segundo Templo*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 259; MANNIS, F. *La Prière d’Israël à l’heure de Jésus*. *Studium Biblicum Franciscanum: Analecta* 22. Jerusalem: Franciscan Printing Press, 1986, p. 105.

constavam de leituras de textos da Torah, e também dos profetas, cognominadas de *Haftarah*, as quais incluíam Isaías¹³³.

Mesmo se tratando de outro contexto, poder-se-ia apontar como indício da importância de Isaías para as diferentes formas do judaísmo do I séc. d.C. as vinte e uma diferentes cópias ou fragmentos do profeta encontradas nos arredores de Qumran. Dezoito destes procedem da Gruta 4 (4Q55-69b = 4QIs^{a-r}), um da Gruta 5 (5Q3) e dois da Gruta 1 (1QIs^a; 1QIs^b). Entre tantos fragmentos destaca-se o rolo 1QIs^a que contém todo o texto de Isaías com algumas rasuras e lacunas¹³⁴.

A partir do que foi colocado, ou seja, pelo uso que se fazia de Isaías no I séc. d.C. nas liturgias sinagogais, e pela importância deste para o judaísmo daquele período nas suas diversas formas, o qual era, nas comunidades judaicas da Urbe, o ambiente vital das comunidades cristãs romanas, pode-se concluir a disponibilidade de Isaías aos destinatários da Carta aos Romanos.

2.2.2.

Volume

Como primeiro passo da aplicação deste segundo critério deve-se identificar o grau de repetição de palavras ou padrões sintáticos do texto veterotestamentário na alusão neotestamentária.

Pode-se destacar a repetição do רַב־רַב־רַב absoluto de Is 53,11c.12ae, “os muitos”, o qual vem traduzido pela Septuaginta em Is 53,11c como πολλοίς, em Is 53,12a como πολλοὺς e em Is 53,12e como πολλῶν¹³⁵, em Rm 5,15b traduzido por οἱ πολλοί e em Rm 5,15c na forma τοὺς πολλοὺς. Sublinha-se também a repetição de רַב־רַב־רַב traduzido como οἱ πολλοί em Rm 5,19ab.

Além da utilização de οἱ πολλοί em Rm 5,15b, utiliza-se no v.15 o vocábulo τὸ παράπτωμα duas vezes em Rm 5,15ab, o qual tem contato com o particípio masculino plural עֲשִׂוּיִם que aparece também duas vezes em Is 53,12df, indicando os agentes da transgressão. Em Is 53,12f, porém, o aparato crítico da *Biblia*

¹³³ Cf. DIXON, R. *An Examination of the Allusions to Isaiah 52:13-53:12 in the New Testament*. Ph.D Dissertation, State University of New York at Buffalo, 2008, p. 102.

¹³⁴ Cf. DARRELL D. H. *Isaiah within Judaism of the Second Temple Period*. In: Moyise S.- Menken M. J. J. (ed.). *Isaiah in the New Testament*, New York: T. & T. Clark, 2005, p. 8.

¹³⁵ Nos três casos sem o artigo.

Hebraica Stuttgartensia, apoiado em 1QIs^a, 1QIs^b e na Septuaginta, propõe que se leia o substantivo comum masculino singular no *status constructus* com sufixo da terceira pessoa do masculino plural םַעֲשִׂיָּם, forma bem mais próxima a τὸ παράπτωμα. Por sua vez, a Septuaginta em Is 53,12d traduz םַעֲשִׂיָּם por τοῖς ἀνόμοις e em Is 53,12f lê, no entanto, τὰς ἀμαρτίας.

Não se poderia deixar de ver também na construção que utiliza τοῦ ἐνὸς e δίκαιοι κατασταθήσονται οἱ πολλοί em Rm 5,19b uma alusão a Is 53,11c םַעֲשִׂיָּם קַדְשֵׁי יְהוָה עֲבָדֵי לְרַבִּים, traduzido pela Septuaginta como δικαιοῦσαι δίκαιον εἶδουλεύοντα πολλοῖς, onde τοῦ ἐνὸς está relacionado diretamente com עֲבָדֵי יְהוָה, sendo que ambos realizam a mesma ação, ou seja, a justificação dos muitos, no texto paulino através da obediência e no isaiano pelo seu conhecimento.

Estas são as duas alusões comumente aceitas a Is 52,13-53,12 em Rm 5,12-21. No entanto, poder-se-ia encontrar, além de alusões, ecos, os quais, mesmo não tendo a mesma intensidade das alusões, confirmariam a intenção do Apóstolo de apresentar Jesus Cristo a partir do Servo Sofredor de Isaías como o antítipo do velho Adão.

Nesta perspectiva, não se deve desconsiderar a utilização de םַעֲשִׂיָּם também em Is 52,14.15, traduzido na Septuaginta em Is 52,14 como πολλοί e em Is 52,15 como πολλὰ, o que poderia ter relação com a utilização de οἱ πολλοί em Rm 5,12-21¹³⁶.

Há quem veja também a utilização de πάντες em Rm 5,18 como relacionada com o םַעֲשִׂיָּם da perícopie do Dêutero-Isaías, o qual deveria ser entendido não em sentido partitivo, mas teria um caráter inclusivo, devendo ser traduzido como multidão, o que viria confirmado pela dupla utilização de םַעֲשִׂיָּם em Is 53,6¹³⁷. Chama a atenção também a construção δι' ἐνὸς δικαιώματος εἰς πάντας ἀνθρώπους εἰς δικαίωσιν ζωῆς no mesmo versículo de Romanos o que poderia ser um eco intertextual de םַעֲשִׂיָּם קַדְשֵׁי יְהוָה עֲבָדֵי לְרַבִּים de Is 53,11c.

Outro fator também pode ter relevância no que diz respeito a este critério: a importância do texto veterotestamentário no seu contexto. Fala-se hoje da

¹³⁶ Cf. FEUILLET, A. *L'Épître aux Romains*. DBS, t. X, fasc. 56, 1983, col. 819.

¹³⁷ Cf. FEUILLET, A. *L'Épître aux Romains*, col. 819.

possibilidade de uma subdivisão do Dêutero-Isaías, o qual seria formado por dois blocos: os capítulos 40-48 e 49-55. Quanto ao ponto preciso da divisão há discussões, o que, no entanto, não modifica a validade da proposta baseada em indícios bastante sólidos:

- a) nos capítulos 40-48 o povo vem quase sempre cognominado de “Jacó” ou “Israel”, enquanto que no bloco formado por 49-55 utilizam-se os termos “Sião” e “Jerusalém”;
- b) referências ao rei Ciro encontram-se somente nos capítulos 40-48;
- c) o gênero literário “rib”, as polêmicas contra os ídolos e o apelo às profecias antigas também são encontrados somente nos capítulos 40-48¹³⁸.

Tendo presente todos esses elementos, não se pode negar certas particularidade dos capítulos 49-55 e mesmo a possibilidade de que estes tenham um contexto vital diverso dos capítulos anteriores.

Após a primeira parte do bloco, onde está mais presente a temática do novo êxodo que encontra seu ápice nas alusões a Ex 12,11, 13,21-22 e 14,19-20 em Is 52,12¹³⁹, tem-se, em lugar estratégico, Is 52,13-53,12 onde se vê a ação de Deus que salva o seu povo não pela mão dos poderosos, mas pelo sofrimento do seu Servo. Após essa perícopes passa-se a falar da repovoação e da reconstrução de Jerusalém pelo Senhor (cf. Is 54), cuja palavra é irrevogável, como se pode ver no capítulo conclusivo do Dêutero-Isaías (cf. Is 55,10-11)¹⁴⁰.

Deste modo, percebe-se a importância da perícopes no bloco do qual faz parte, sendo que a figura do Servo sofrido e glorificado de Is 52,12-53,12 está diretamente relacionada com a mudança ocorrida com Sião-Jerusalém¹⁴¹, a ponto

¹³⁸ Cf. SMITH, G. V. *The New American Commentary - Isaiah 40-66*. New American Commentary Old Testament 15B. Nashville: B&H, 2009, pp. 336-337; CONROY, C. The Enigmatic Servant texts in Isaiah in the Light of recent study. *Proceedings of the Irish Biblical Association* 32 (2009) 43; BERGES, U. *The Book of Isaiah - Its Composition and Final Form*, p. 303; SIMIAN-YOFRE, H. *Sofferenza dell'uomo e silenzio di Dio nell'Antico Testamento e nella letteratura del Vicino Oriente antico*. Studia Biblica 2. Roma: Città Nuova, 2005, p. 183; GOLDINGAY, J. - PAYNE, D. *Isaiah 40-55*, Vol. 1. The International Critical Commentary. London/New York: Bloomsbury, 2014, pp. 19-21.

¹³⁹ “O sintagma “não com pressa” (*lō' b'hippāzōn*) do v. 12 toma exatamente o mesmo termo usado em Ex 12,11 a respeito da primeira Páscoa (a única outra ocorrência do termo está em Dt 16,3 na lei sobre a Páscoa). A referência a que YHWH os antecede e sucede (Is 52,12) é uma referência clara ao motivo que aparece no Êxodo da coluna de fogo e da nuvem que acompanhou os israelitas (Ex 13,21-22; 14,19-20 e outros textos)”. CONROY, C. *The Enigmatic Servant texts in Isaiah in the Light of recent study*, p. 38.

¹⁴⁰ Cf. CONROY, C. *The Enigmatic Servant texts in Isaiah in the Light of recent study*, pp. 38-40.

¹⁴¹ Cf. CONROY, C. *The Enigmatic Servant texts in Isaiah in the Light of recent study*, pp. 39-40.

de não só se poder falar de sua posição de destaque não só nos capítulos 49-55, mas de ser este um “texto chave do Dêutero-Isaías”¹⁴² no seu conjunto.

No entanto, a importância de tal texto não se limita ao Dêutero-Isaías, vai mais além, se expande a todas as Escrituras e à história de Israel:

Por outro lado, a importância do texto e do tema em si, carecem aqui de ser reforçados, isso por várias razões: dentro do AT os ecos do poema no que diz respeito ao tema do sofrimento e da recompensa dos justos são uma constante; Israel viu na imagem do servo paciente um anúncio profético da sua própria história; (...); a teologia do martírio, especialmente nas épocas de crise (reação macabaica contra o helenismo; rabínica contra a dominação romana, etc.), encontrou no poema um dinamismo sempre novo e sempre vivo, capaz de motivar os justos (os *Hasidim*) na fidelidade à Torah e à Aliança; (...)¹⁴³.

Outro aspecto a ser levado em consideração quanto ao critério do volume é a ênfase retórica que Paulo dá à alusão no seu discurso, a qual será levada em consideração, porém, no último capítulo dessa pesquisa, ao se analisar o significado retórico da alusão ao texto isaiano no texto paulino.

2.2.3.

Recorrência

A influência exercida por Isaías sobre os autores do Novo Testamento em geral é incontestável. A 28ª edição do *Novum Testamentum Graece* de Nestle-Aland enumera 103 entre citações e alusões a Isaías no Novo Testamento¹⁴⁴.

No entanto, nesse critério importa determinar as referências a Is 53,12-52,13 e ao seu contexto veterotestamentário no contexto imediato de Rm 5,12-21, no contexto mais amplo ou em outro escrito paulino. Eis um quadro com as citações diretas¹⁴⁵:

Is 1,9	Rm 9,29
Is 8,14	Rm 9,33
Is 10,22-23	Rm 9,27-28

¹⁴² PELLETIER, A-M. *Isaías*. In: Farmer, W. R. (org.). *Comentario Bíblico Internacional - Comentario católico y ecuménico para el siglo XXI*. Fonasa: Verbo Divino, 1999, p. 902.

¹⁴³ LOURENÇO, J. *O Sofrimento no pensamento bíblico: Releituras hermenêuticas de Is 53*. Lisboa: UCEditora, 2006, p. 38.

¹⁴⁴ Cf. *Novum Testamentum Graece*. NESTLE, E. - ALAND, K. 28ª ed., Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012, pp. 857-861.

¹⁴⁵ Para as referências cf. DIXON, R. *An Examination of the Allusions to Isaiah 52:13-53:12 in the New Testament*, 2008.

Is 11,10	Rm 15,12
Is 15,8	1Cor 15,54
Is 22,13	1Cor 15,32
Is 27,9	Rm 11,27
Is 28,11-12	1Cor 14,21
Is 28,16	Rm 9,33/Rm 10,11
Is 29,10	Rm 11,8
Is 29,14	1Cor 1,19
Is 29,16	Rm 9,20
Is 40,13	Rm 11,34/1Cor 2,16
Is 45,23	Rm 14,11
Is 49,8	2Cor 6,2
Is 52,5	Rm 2,24
Is 52,7	Rm 10,15
Is 52,11	2Cor 6,17
Is 52,15	Rm 15,21
Is 53,1	Rm 10,16
Is 54,1	Gl 4,27
Is 55,10	2Cor 9,10
Is 59,7-8	Rm 3,15-17
Is 59,20-21	Rm 11,26-27
Is 64,4	1Cor 2,9
Is 65,1-2	Rm 10,20-21 ¹⁴⁶

Destas vinte e oito citações de Isaías, dezoito estão na Carta aos Romanos, nas quais cinco vezes Paulo aponta Isaías nominalmente como fonte da citação ou alusão: Rm 9,27.29;10,16.20;15,12.

No que se refere a Is 52,13-53,12 têm-se duas citações em Romanos: uma de Is 52,15 em Rm 15,21 e outra de Is 53,1 em Rm 10,16. Têm-se, ainda, cinco alusões em Rm 4,24.25;5,1.15.19, somando-se sete referências à perícope de Isaías.

¹⁴⁶ DOUGLAS A. O, *A Note on Paul's Use of Isaiah*. Bulletin for Biblical Research 2 (1992) 108.

2.2.4.

Coerência Temática

Neste ponto da pesquisa, busca-se investigar se a alusão a Is 52,13-53,12 se adapta à linha argumentativa desenvolvida por Paulo na perícopes e se ajuda a esclarecer o seu pensamento.

No que diz respeito à argumentação paulina em Rm 5,12-21, esta traz uma verdadeira novidade no que diz respeito à soteriologia então predominante no judaísmo, como bem salienta Ruiz de la Peña:

Para esta, a lei é a única possível mediadora da salvação; no cumprimento de seus mandamentos (nas “obras da lei”) reside exclusivamente a esperança da redenção. Nenhuma instância humana pode rivalizar com ela e muito menos suplantá-la. Pois bem, é cabalmente uma função mediadora e salvadora atribuída a Cristo. E isso é mais do que qualquer judeu está disposto a aceitar¹⁴⁷.

Para os judeus em geral, é impossível que a salvação se dê através de outra mediação que não seja a Lei. Nenhuma pessoa humana pode ocupar o seu lugar; no máximo aceitariam que o Messias pudesse impor a sua observância para que Deus, através dela, operasse a salvação. “Como pode ser superior uma mediação humana à mediação da lei, que é a expressão taxativa, nítida, da própria vontade divina?”¹⁴⁸.

Para superar essa objeção, Paulo lança mão de algo aceito pela teologia judaica: a influência negativa de um só homem sobre toda a humanidade. Se assim Deus o permitiu, com muito mais razão permitirá algo análogo para o bem. Deste modo, revela-se

a função estrutural assinalada na argumentação a Adão, termo de comparação capaz de fazer compreender o papel de Cristo e a eficácia de sua ação salvífica de indivíduo em benefício de toda a humanidade. (...). O dado da fé é assim iluminado por um conhecido termo comparativo, que a torna inteligível: *intellectus fidei*¹⁴⁹.

No entanto, a genialidade de Paulo não se limita à utilização de Gn 3 para demonstrar pela argumentação *qal wahomer*, que, com “muito mais” razão, um indivíduo pode ser mediador da salvação.

A figura do Servo Sofredor de Is 52,13-53,12, tão conhecida no judaísmo, mesmo tendo sido interpretada em sentido coletivo como o povo de Israel, não

¹⁴⁷ RUIZ DE LA PEÑA, J. L. *O Dom de Deus - Antropologia Teológica*. Petrópolis: Vozes, 1997, pp. 82-83.

¹⁴⁸ Cf. RUIZ DE LA PEÑA, J. L. *O Dom de Deus - Antropologia Teológica*, p. 83.

¹⁴⁹ BARBAGLIO, G. *Teologia Paolina*. Bologna: EDB, 1999, p. 612.

poucas vezes foi entendida como um indivíduo¹⁵⁰. Além disso, tal indivíduo em certas linhas do pensamento judaico seria capaz de, mediante o seu sofrimento, justificar os pecadores¹⁵¹.

Paulo, identificando Jesus Cristo como o Servo de Is 52,13-53,12, recorda que a tradição judaica aceita não só a existência de um indivíduo que ocasionou a entrada do pecado no mundo, mas que na mesma tradição pode-se encontrar um personagem, o justo servo do Senhor, que justificaria os muitos e carregaria sobre si as faltas dos transgressores (cf. Is 52,11-12). Pode-se afirmar assim que na sua linha argumentativa

Paulo é plenamente fiel ao núcleo mais profundo do judaísmo, e não se opõe a ele, mesmo se às vezes, seu zelo paternal em defender o direito dos pagãos convertidos o leva a se exprimir com acentos que podem soar como “antijudeus”, mas que são na verdade a expressão de um modo de “autoimolação” do judeu Paulo para facilitar o acesso dos pagãos precisamente a esse núcleo mais profundo do próprio judaísmo, que o cristianismo vai aprofundar e comunicar às nações¹⁵².

Deste modo, tendo mostrado que “por um só homem” entrou a potência do pecado no mundo e todos, deixando-se escravizar pelo pecado, pecaram, com maior razão, “por um só homem”, a todos, sem exceção, alcança a superabundância da graça.

Pode-se concluir, portanto, que a alusão a Is 52,13-53,12 em Rm 5,12-21 se adapta perfeitamente à linha argumentativa desenvolvida por Paulo e é de grande auxílio para reforçar e iluminar a sua argumentação através da apresentação de Jesus Cristo a partir de um personagem encontrado no seio da tradição judaica.

2.2.5.

Plausibilidade histórica

Prova mais eloquente de ser plausível o fato de Paulo ter intencionado usar Is 52,12-53,12 para conseguir o efeito de sentido ressonante por ele proposto em Rm 5,12-21, ou seja, colocar como antítipo de Adão a Jesus Cristo entendido a partir da figura do Justo que justifica os muitos carregando sobre si as suas

¹⁵⁰ Cf. NORTH, C. R. *The Suffering Servant in Deutero-Isaiah*. London: Oxford University Press, 1956, pp. 9-17.

¹⁵¹ Cf. JEREMIAS, J. παῖς Θεοῦ. In: Kittel, G. - Friedrich, G. (orgs.). *Grande Lessico del Nuovo Testamento*, V. IX. Brescia: Paideia, 1970, pp. 382-386.

¹⁵² FERNÁNDEZ, V. Le meilleur de la Lettre aux Romains procède du judaïsme de Paul. *NRT* 124 (2002) 413.

transgressões, e da possibilidade de que os seus leitores tenham percebido tal intenção, é o uso da mesma passagem veterotestamentária em duas cartas paulinas nas quais o Apóstolo não propõe uma nova leitura do texto isaiano, mas, claramente, se reporta a tradições pré-paulinas, ou seja, à compreensão corrente na comunidade cristã primitiva do texto, a qual está em perfeita consonância com aquela apresentada na Carta aos Romanos¹⁵³.

A 28ª edição do *Novum Testamentum Graecae*¹⁵⁴ assinala duas alusões a Isaías em Fl 2,7: Is 53,3.11. Porém, é a alusão a Is 53,11 que chama mais a atenção. A relação entre o עֲבָדָי da perícopa isaiana que na Septuaginta é traduzido pelo participio presente δουλεύοντα, e o δούλου, utilizado em Filipenses, é clara. Além disso, não deve passar despercebida a ligação temática entre as perícopes no que diz respeito à humilhação e à exaltação do Servo.

No entanto, no que se refere ao critério da plausibilidade histórica, é fundamental a afirmação da origem pré-paulina do texto, que normalmente é considerado um hino. De fato, mesmo aqueles que contestam tal origem reconhecem uma série de elementos que apontam nessa direção:

Os numerosos motivos e torções linguísticas que não se encontram no restante das cartas paulinas. A distribuição tripartida em celeste, terrestre e infernal. O esquema espacial abatimento-exaltação no lugar do temporal cruz-ressurreição. O caráter hínico-litúrgico (relativo inicial, participios, paralelismos) e o amplo conteúdo que ultrapassa o contexto¹⁵⁵.

Porém, mesmo havendo aqueles que consideram insuficientes os elementos acima colocados¹⁵⁶, ou mesmo os que defendem que se possa afirmar apenas a possibilidade de que o texto seja de tradição anterior a Paulo¹⁵⁷, “o caráter pré-paulino desse hino é objeto de um acordo amplamente partilhado”¹⁵⁸. Tal convicção baseia-se também na rítmica poética das afirmações cristológicas do hino, na sua simetria estrutural no que diz respeito ao equilíbrio entre os versículos que tratam

¹⁵³ Cf. CULLMANN, O. *Cristologia del Nuevo Testamento*, p. 132.

¹⁵⁴ Cf. *Novum Testamentum Graece*. NESTLE, E. - ALAND, K. 28ª ed., Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012, p. 860.

¹⁵⁵ TREVIJANO ETCHEVERRÍA, R. *Flp 2,5-11: Un λόγος τῆς σοφίας paulino sobre Cristo*. In: Trevijano Etcheverría, R. *Estudios Paulinos. Plenitudo Temporis 8*. Salamanca: Publicaciones Universidad Pontificia, 2009, p. 259.

¹⁵⁶ Cf. TREVIJANO ETCHEVERRÍA, R. *Flp 2,5-11: Un λόγος τῆς σοφίας paulino sobre Cristo*, p. 259.

¹⁵⁷ ORTIZ, P. *Filipenses*. In: Farmer, W. R. (org.). *Comentario Bíblico Internacional – Comentario católico y ecuménico para el siglo XXI*. Fonasa: Verbo Divino, 1999, p. 1540.

¹⁵⁸ MARGUERAT, D. (org.). *Novo Testamento – História, Escritura e Teologia*, São Paulo: Loyola, p. 303.

do rebaixamento (Fl 2,6-8) e a elevação (Fl 2,9-11), na ausência de afirmações soteriológicas, no vocabulário e no campo conceitual cristológico com características pouco paulinas¹⁵⁹.

No que tange a 1Cor 15a 28ª Edição do *Novum Testamentum Graecae* assinala alusões a Is 53,5.6.8.9.12 em 1Cor 15,3¹⁶⁰. Em primeiro lugar deve-se destacar que, segundo o próprio Apóstolo, o que segue é uma tradição por ele recebida e transmitida aos coríntios: παρέδωκα γὰρ ὑμῖν ἐν πρώτοις, ὃ καὶ παρέλαβον, “Transmiti-vos primeiramente, aquilo que também recebi”. De fato, entre os estudiosos

existe um consenso em relação ao caráter tradicional dos vv. 3b-5. A extensão e o vocabulário da fórmula confessional, não obstante, são objeto de discussão; “aos doze” (v.5b) provavelmente pertence ainda a ela. A tradição é muito antiga. Seu lugar de procedência pode ser Antioquia; alguns propõem Damasco ou inclusive Jerusalém¹⁶¹.

De qualquer maneira, se está diante de um “sumário da confissão pascal” conhecido por Paulo como um “elemento básico da tradição da fé cristã”, o qual “ele mesmo recebeu e logo transmitiu (15,1-3a), o mesmo que fez ao apelar à tradição cultural prévia, quando passou a falar da Ceia do Senhor (11,23)”¹⁶².

Deve-se destacar em seguida outro elemento de grande importância, ou seja, a razão da morte de Cristo: Χριστὸς ἀπέθανεν ὑπὲρ τῶν ἁμαρτιῶν ἡμῶν, “Cristo morreu pelos nossos pecados” e entender que este evento salvífico é simplesmente o cumprimento do que já tinha sido anunciado pelas Escrituras, razão pela qual conclui-se o versículo com a afirmação de que tudo isto ocorreu κατὰ τὰς γραφὰς, “segundo as Escrituras”.

Pode-se afirmar que a única passagem das Escrituras de Israel a declarar que alguém morreu pelos “nossos pecados” é Is 52,13-53,12. De fato esse tema perpassa toda a perícopa isaiana. Em Is 53,5a afirma-se que יהוא מְחַלְל מִפְּשָׁעֵינוּ, “ele foi traspassado por causa de nossas transgressões”, em 53,5b diz-se que ele foi מְדַכָּא מֵעֲוֹנוֹתֵינוּ, “golpeado por causa das nossas iniquidades”, em 53,8d declara-

¹⁵⁹Cf. MARGUERAT, D. (org.). *Novo Testamento – História, Escritura e Teologia*, p. 303.

¹⁶⁰ Cf. *Novum Testamentum Graece*. NESTLE, E. - ALAND, K. 28ª ed., Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012, p. 860.

¹⁶¹ LAMBRECHT, J. *1 Coríntios*. In: Farmer, W. R. (org.). *Comentario Bíblico Internacional – Comentario católico y ecuménico para el siglo XXI*. Fonasa: Verbo Divino, 1999, p. 1484.

¹⁶² Cf. TREVIJANO ETCHEVERRÍA, R. *Los que dicen que no hay resurrección (1 Cor 15,12)*. In: Trevijano Etcheverría, R. *Estudios Paulinos. Plenitudo Temporis 8*. Salamanca: Publicaciones Universidad Pontificia, 2009, p. 390.

se que מִפְּשַׁע עַמִּי נִגַּע לְמוֹ, “pela transgressão do meu povo ele foi atingido” e depois de se afirmar que ele “fez despojar a si mesmo até a morte” (53,12c) e que “com os transgressores foi contado” (53,12d) em 53,12e se esclarece o sentido de sua morte: וְהוּא חָטָא רַבִּים נִשָּׂא, “no entanto, o pecado de muitos ele levou”.

Diante do que foi colocado, pode-se afirmar com bastante segurança que também em 1Cor 15,3 tem-se uma alusão a Is 52,13-53,12 e que esta é uma tradição pré-paulina inserida nessa perícope, como em Fl 2,7. Assim, demonstra-se que a interpretação do texto isaiano à luz do evento Cristo, ou vice-versa, era corrente nas comunidades cristãs primitivas e que, posteriormente, foi assumida por Paulo em suas cartas.

Tal conclusão corrobora a afirmação da plausibilidade histórica de que Paulo em Rm 5,12-21 também tenha assumido tal interpretação e a tenha utilizado para conseguir o efeito de sentido ressonante desejado na sua argumentação, e de que a comunidade cristã de Roma tenha percebido a intenção do Apóstolo.

É importante para esse critério também pesquisar a existência na literatura judaica do mesmo uso que Paulo faz das Escrituras de Israel. Tal uso poderia aumentar a plausibilidade da alusão.

Uma interpretação de Is 52,13-53,12 na qual se vê no Servo o Messias sofredor que carrega os pecados dos “muitos” pode ser encontrada no rabinismo, o qual, mesmo com o seu labor literário posterior ao ano 70 d. C., poderia ter suas fontes em tradições anteriores ou até mesmo contemporâneas a Paulo¹⁶³.

A primeira citação é textualmente discutível. R. Martini, depois do ano de 1278, faz uma leitura do *Sifra Leviticus*, para muitos considerada atendível, na qual o Rabi José, o Galileu, interpretando a passagem isaiana, vê nela a figura do Rei-Messias sofredor, que através do seu sofrimento justifica todos os povos. Comparando os efeitos da desobediência de Adão à ação do Rei-Messias afirma:

Se queres conhecer o mérito do Rei-Messias e a recompensa que será dada aos justos no mundo vindouro, podes aprender isto de Adão: Foi-lhe dado apenas um mandamento, uma proibição, que ele transgrediu, e vê quantas mortes foram decretadas: ele próprio, todos os seus descendentes e os descendentes de seus descendentes até o fim de todas as gerações. Agora, qual é maior medida: a medida da benevolência ou da punição? Certamente a medida da benevolência é maior. Quanto mais então o Rei-Messias, que é afligido e sofre pelos pecadores, justificará todo o gênero humano, como está escrito: Foi traspassado pelos nossos delitos (Is

¹⁶³ Cf. ALETTI, J-N. Romains 5,12-21. Logique, sens et fonction. *Biblica* 78.1 (1997) 18.

53,5). O mesmo quer dizer em Is 53,6: O Senhor fez cair sobre ele todas as nossas iniquidades”¹⁶⁴.

Para M. Kister esta é uma versão secundária do *Sifra Leviticus*, fruto de um processo de cristianização. Tal cristianização, no entanto, segundo ele, não foi uma intervenção de R. Martini. Como argumento a favor de que se está diante de um texto modificado, tem-se o fato de não existir testemunho textual judeu dessa versão¹⁶⁵.

Para J. Jeremias deve-se considerar uma possível eliminação de uma interpretação próxima àquela cristã de Is 52,13-53,12 pelo fato de ter sido realizada em outros textos, porém, ressalta que neste caso a forma do texto testemunhada por R. Martini é, provavelmente, secundária. A afirmação de um Messias que sofre pelos pecadores tem dificuldades de encaixar em um contexto que fala da “recompensa do justo”, daqueles que cumprem ou infringem a Lei¹⁶⁶.

J. Lourenço, mesmo afirmando que a versão de R. Martini é digna de crédito, faz ver que a versão de *Sifra Leviticus* por ele testemunhada difere da versão atual, a qual foi citada no item 1.1.3.3., e fala “apenas da recompensa dos justos e não dos méritos do Messias”¹⁶⁷. Porém, a alusão ao sofrimento do Messias, mesmo em relação ou sofrimento do justo, estaria de acordo com o texto de Isaías no que diz respeito à humilhação do Servo¹⁶⁸.

Seja como for, o texto do Rabi José na forma encontrada no *Pugio Fidei* pode ser testemunha ou de uma antiga interpretação judaica anterior às polêmicas judaico-cristãs a respeito do Messias, ou da interpretação cristã do texto de Isaías no contexto desta mesma polêmica. As duas possibilidades poderiam ser as testemunhas de uma leitura semelhante à leitura paulina que a legitimariam no que diz respeito à sua plausibilidade histórica.

¹⁶⁴ RAYMUNDUS MARTINI, *Pugio Fidei adversum Mauros et Judaeos*. Leipzig: Sumptibus Haeredum Friderici Lanckisi, 1687, 866-867, traduzido para o inglês por KISTER, M. *Romans 5:12-21 against the Background of Torah-Theology and Hebrew Usage*. Harvard Theological Review 100 (2007) 419.

¹⁶⁵ KISTER, M. *Romans 5:12-21 against the Background of Torah-Theology and Hebrew Usage*, 419.

¹⁶⁶ Cf. JEREMIAS, J. πᾶς Θεοῦ. In: Kittel, G. - Friedrich, G. (orgs.). *Grande Lessico del Nuovo Testamento*, V. IX. Brescia: Paideia, 1970, p. 383.

¹⁶⁷ LOURENÇO, J. *O Sofrimento no pensamento bíblico: Releituras hermenêuticas de Is 53*. Lisboa: UC Editora, 2006, p. 297.

¹⁶⁸ Cf. LOURENÇO, J. *O Sofrimento no pensamento bíblico: Releituras hermenêuticas de Is 53*, p. 297.

Como primeiro texto rabínico indiscutivelmente atendível a utilizar Is 52,12-53,12 em um contexto no qual se fala de um Messias sofredor, tem-se o *Sanh* 98b, datado por volta de 200 d.C., no qual o Messias é chamado de “leproso”¹⁶⁹, sublinhando assim o seu sofrimento, com base em Is 53,4c. Tal interpretação já se encontra em Áquila, discípulo do Rabi Akiba, que por sua vez foi um influente estudioso bíblico dos primeiros dois séculos, cuja escola conservou a ideia do Messias sofredor¹⁷⁰.

O próprio Rabi Akiba, fala dos sofrimentos do Messias e o Rabi Dosa, por volta de 180 d.C., primeiro rabino a interpretar Zc 12,12 como falando da morte do Messias filho de José, o faz de modo casual, demonstrando assim ser esta uma ideia conhecida. Para isto cita palavras de Jehuda ben Elaj, discípulo de Akiba¹⁷¹.

Além de citar as tradições cristãs pré-paulinas e os escritos rabínicos que corroboram a ideia da plausibilidade histórica do uso de Is 52,13-53,12 em Rm 5,12-21, identificando o Messias com a figura do Servo, poder-se-iam citar inúmeros escritos neotestamentários que contêm tal interpretação, os quais, por serem posteriores aos escritos paulinos, podem ter sido influenciados, também, por estes, no que se refere à leitura do texto isaiano a partir do evento Cristo ou, ao menos, podem ser uma confirmação da utilização dessa interpretação nos meios cristãos do I séc. Os exemplos aqui expostos são somente as citações diretas, excluindo-se as alusões¹⁷² que são numericamente superiores:

Is 53,4	Mt 8,17
Is 53,12	Lc 22,37
Is 53,1	Jo 12,38
Is 53,7	At 8,32
Is 53,8	At 8,33
Is 53,9	1Pd 2,22
Is 53,7	1Pd 2,23

¹⁶⁹ Com base no uso da raiz **ננ** que no texto de Isaías apresenta-se na forma de verbo qal particípio passivo masculino singular absoluto, o qual traduziu-se como “golpeado”. A Vulgata também lê aí “leprosum”. Cf. *Biblia Sacra Vulgatae Editionis*. Milano: San Paolo, 1995.

¹⁷⁰ Cf. JEREMIAS, J. *παῖς Θεού*, p. 386.

¹⁷¹ Cf. JEREMIAS, J. *παῖς Θεού*, p. 386.

¹⁷² Para as alusões verificar DIXON, R. *An Examination of the Allusions to Isaiah 52:13-53:12 in the New Testament*. Ph.D Dissertation, State University of New York at Buffalo, 2008.

Is 53,4.5	1Pd 2,24
Is 53,6	1Pd 2,25 ¹⁷³

2.2.6.

História da interpretação

O critério da “História da Interpretação”, apontado por G. K. Beale simplesmente como etapa metodológica para a validação das alusões, não pretende ser um segundo *Status Quaestionis*, mas tem como finalidade analisar um só aspecto dos diversos estudos elaborados a respeito da perícopo paulina, ou seja, verificar se os leitores posteriores foram capazes de perceber os mesmos sentidos de efeito produzidos pelas alusões, as quais provavelmente perceberam os contemporâneos de Paulo ao ler a perícopo. Sublinha-se que este critério é inconclusivo, sendo estes leitores de contextos diferentes¹⁷⁴.

2.2.6.1.

A supervalorização da referência a Adão e à “queda” em Rm 5,12-21

Nos estudos e comentários ao texto paulino supracitado pode-se perceber que quase todos salientam a figura de Adão e a “queda”, supervalorizando-se, portanto, a referência nele existente a Gn 3. Tal supervalorização, como assinalado acima, tem como fator desencadeador a utilização por parte de Agostinho de Hipona¹⁷⁵ da tradução feita pelo *Ambrosiaster* de Rm 5,12d (ἐφ’ ᾧ πάντες ἥμαρτον)¹⁷⁶, como argumento em favor da doutrina do “originale peccatum”¹⁷⁷, tornando este versículo um verdadeiro “campo de batalha exegético”¹⁷⁸.

Os autores aqui expostos representam tendências interpretativas, pois, evidentemente, são muito mais numerosos os que deram o seu aporte à exegese

¹⁷³ Cf. DIXON, R. *An Examination of the Allusions to Isaiah 52:13-53:12 in the New Testament*, pp. 115-138.

¹⁷⁴ Cf. BEALE, G. K. *Handbook on the New Testament Use of the Old Testament*, p. 33; HAYS, R. B. *Echoes of Scripture in the Letters of Paul*, pp. 30-31.

¹⁷⁵ Cf. *Contr. duas epist.*, IV, 4, 7: PL 44, 614.

¹⁷⁶ Cf. *In Epist. ad Rom.* V, 12: PL 17, 92a.

¹⁷⁷ Cf. *De pecc. merit. et rem.*, I, IX, 9: PL 44, 114.

¹⁷⁸ FREDERICK, W. Romans 5:12: Sin under Law. *NTS* 14,3 (1968) 424.

desse texto, objeto das mais acirradas disputas ao menos no que se refere às alusões a Gn 3.

O critério de escolha dos pensadores que destacam as alusões a Gn 3, em escritos mais extensos ou em leves acenos, foi a importância que tiveram no debate teológico a respeito da perícopos paulina, o que pôde ser detectado em obras que descrevem tal debate¹⁷⁹. No que tange aos autores que tratam das alusões a Is 52,13-53,12 no escrito paulino, os citados neste trabalho foram os únicos detectados na presente pesquisa, os quais, na sua maioria, o fazem sumariamente.

2.2.6.1.1.

Autores da época patrística

A. Ireneu de Lião

A primeira vez que Rm 5,12-21 aparece na patrística é na obra *Denúncia e refutação da falsa gnose*, ou, como é mais conhecida, *Adversus Haereses* ou *Contra Haereses*, escrita entre os anos 180-185¹⁸⁰ por Ireneu de Lião, o qual cita, mais a título apologético, alguns versículos dessa perícopos.

No III livro desta obra, no qual faz a refutação dos gnósticos, defensores de um sistema que nega a verdade da encarnação do Verbo e de sua paixão, utilizando como argumentos os ensinamentos dos Apóstolos contidos na Sagrada Escritura e na Tradição, Ireneu, citando Rm 5,14, afirma que tais pessoas ainda estão sob o domínio da morte que reinou de Adão a Moisés¹⁸¹.

Continuando sua argumentação, Ireneu declara a impotência da Lei que somente torna manifesto o pecado sem conseguir suprimi-lo. Para que fossem vencidos o pecado e a morte, foi necessário que Deus se fizesse homem, pois se não

¹⁷⁹ Obras que serviram de apoio na pesquisa, além, naturalmente, das obras dos próprios autores, e que auxiliaram na escolha daqueles a serem apresentados: GANOCZY, A. *Della sua pienezza noi tutti abbiamo ricevuto - Lineamenti Fondamentali della Dottrina della Grazia*, Brescia: Queriniana, 1991; KUSS, O. *La Lettera ai Romani*. Brescia: Morcelliana, 1962; LADARIA, L. F. *Antropologia Teologica*, 2ª ed., Roma: Piemme - Pontificia Università Gregoriana, 1998; LOZANO LOZANO, A. *Romanos 5. La vida de los justificados por la fe y su fundamento, la reconciliación por nuestro Señor Jesucristo*. ABE 56. Navarra: EVD, 2012; LYONNET, S. *Études sur l'Épître aux Romains*. Roma: Editrice Pontificio Istituto Biblico, 1989; LYONNET, S. *La Storia della Salvezza nella Lettera ai Romani*, 1966.

¹⁸⁰ Cf. ALTANER, B. - STUIBER, A. *Patrologia – Vida, Obras e Doutrina dos Padres da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1972, p. 119.

¹⁸¹ Cf. *Contra Haer.* 3, 18,7: PG 7, 937c.

fosse o homem a vencer o pecado, a vitória não seria justa; por outro lado, se não fosse o próprio Deus a trazer a salvação ao ser humano, este não a teria de modo seguro. Portanto,

como pela desobediência de um só homem, que foi o primeiro e modelado da terra virgem, muitos foram constituídos pecadores e perderam a vida, assim pela obediência de um só homem, que foi o primeiro e nasceu da Virgem, muitos foram justificados e receberam a salvação¹⁸².

De fato, “tínhamos ofendido a Deus no primeiro Adão, não cumprindo o seu mandamento”¹⁸³, e em virtude dessa transgressão a pessoa humana foi feita inimiga de Deus: “É precisamente dele que nos tornamos inimigos pela desobediência do seu mandamento”¹⁸⁴. No entanto, “como pela desobediência de um só homem o pecado entrou no mundo e pelo pecado a morte, assim pela obediência de um só homem foi introduzida a justiça que traz como fruto a vida ao homem morto”¹⁸⁵. Deste modo, tanto Adão como Cristo recapitulam a humanidade inteira¹⁸⁶.

Assim, diante dos gnósticos, utilizando Rm 5,12-21, o bispo de Lião demonstra que “todos (não só os psíquicos) morrem em Adão e todos (não só os pneumáticos) são vivificados em Cristo”¹⁸⁷.

B. Ambrosiaster

Um autor ignoto deixou um Comentário de treze epístolas do “corpus paulinum” sob o nome de Ambrósio de Milão. Tais escritos foram redigidos no pontificado do papa Dâmaso entre os anos 366 e 384. A partir de Erasmo de Roterdão, esses escritos são atribuídos ao *Ambrosiaster*, ou seja, ao Pseudo-Ambrósio¹⁸⁸.

Já nesse autor encontra-se a tradução para o latim do ἐφ' ᾧ πάντες ἥμαρτον de Rm 5,12d, como “in quo omnes peccaverunt”¹⁸⁹, ou seja, “no qual todos pecaram”.

¹⁸² *Contra Haer.*, 3, 18,7: PG 7, 938b. Aqui Ireneu cita com alguns acréscimos Rm 5,19, destacando a alusão a Gn 3.

¹⁸³ *Contra Haer.*, 5, 16,3: PG 7, 1164b.

¹⁸⁴ *Contra Haer.*, 5, 17,1: PG 7, 1169a.

¹⁸⁵ *Contra Haer.*, 3, 21, 10: PG 7, 954c.

¹⁸⁶ Cf. *Contra Haer.*, 5, 14, 2: PG 7, 1161c.

¹⁸⁷ Cf. RUIZ DE LA PEÑA, J. L. *O Dom de Deus – Antropologia Teológica*, p. 98.

¹⁸⁸ Cf. ALTANER, B. - STUIBER, A. *Patrologia – Vida, Obras e Doutrina dos Padres da Igreja*, p. 390.

¹⁸⁹ Cf. *In Epist. ad Rom.* V, 12: PL 17, 92a.

Porém, ao comentar esse versículo, não é tão radical na sua interpretação como outros autores posteriores. Se de uma parte todas as pessoas são pecadoras enquanto nascem de Adão, e este as gera corrompidas por causa do pecado, por outra parte não se sofre a condenação eterna como consequência do pecado de Adão, mas em decorrência dos pecados pessoais, os quais são cometidos porque Adão pecou:

Deste modo é manifesto que todos pecaram em Adão como que em massa. Este, pelo seu pecado, corrompeu todos os que gerou, todos nasceram sob o domínio do pecado. Por ele, portanto, somos todos pecadores (...). Existe outra morte, a qual chamamos de geena, que sofremos não pelos pecados de Adão, mas por motivo de nossos próprios pecados¹⁹⁰.

Na explanação sobre o v. 15, explica como se deve entender a afirmação do v. 14, segundo a qual Adão é a figura de Cristo, com uma afirmação do próprio v. 15: “Mas, não acontece com o dom o mesmo que com a falta”. Adão é figura de Cristo, somente “pelo fato de que um pecou e o outro corrigiu”¹⁹¹.

Depois disso segue a explicação do v. 15, a qual afirma que “muitos morreram”, e não todos, por terem imitado o pecado de Adão pecando como ele. Porém, o dom da graça abundou, pois o número dos que foram salvos é muito maior do que o daqueles que morreram em decorrência do delito de Adão¹⁹².

C. Ambrósio de Milão

Entre as suas tantas obras é relevante para este estudo o *Comentário ao Evangelho de Lucas (Expositio Evangelii secundum Lucam)* no qual se pode encontrar algumas menções às alusões de Rm 5,12-21 a Gn 3.

Nessa obra encontra-se uma citação literal de Rm 5,12 da mesma forma que o citará Agostinho, ou seja, omitindo o nominativo “morte” (“mors”) de 12c e traduzindo o ἐφ’ ᾧ πάντες ἥμαρτον de 12d como “in quo omnes peccaverunt”: “(...) por meio de um só homem o pecado entrou no mundo, e pelo pecado a morte, e assim perpassou todos os homens, no qual todos pecaram”¹⁹³.

¹⁹⁰ *In Ep. ad Rom.* V, 12: PL 17, 92cd.

¹⁹¹ *In Ep. ad Rom.* V, 15: PL 17, 96d - 97a.

¹⁹² Cf. *In Ep. ad Rom.* V, 15: PL 17, 97a.

¹⁹³ *In Luc.* 4, 67: PL 15, 1632c: “(...) per unum hominem in hunc mundum peccatum introivit et per peccatum mors et ita in omnes homines pertransivit, in quo omnes peccaverunt”.

Ambrósio interpreta a conclusão desse versículo como afirmação do pecado de todos em Adão. A inteira humanidade pode ser considerada como um todo, e por isso todos eram em Adão e nele todos pereceram: “Adão foi e todos fomos nele: Adão pereceu, e todos perecemos nele”¹⁹⁴.

Referindo-se à passagem da pecadora perdoada (Lc 7,39), Ambrósio de Milão faz referência a Rm 5,20 dizendo: “Graças a essa mulher, podemos compreender o sentido da palavra do Apóstolo: ‘O pecado superabundou porque superabundou a graça’. De fato se nela não tivesse superabundado o pecado, não seria superabundante a graça”¹⁹⁵.

D. Pelágio

Em Pelágio encontram-se inovações no que diz respeito à interpretação de Rm 5,12-21 e da sua alusão a Gn 3.

A respeito do v. 12 diz que com Adão a morte entrou no mundo, não somente a morte física, mas também aquela moral, o pecado, sendo que Adão foi o primeiro pecador. Para Pelágio, no entanto, parece que não existe relação direta entre o pecado de Adão e o pecado e a morte que atingem todos os homens; a formulação paulina da universalidade destas duas realidades não excluiriam a exceção dos justos. Os pecados pessoais, tratando-se a universalidade de que fala Paulo de algo meramente moral, permitiriam ao Apóstolo fazer as suas formulações de caráter geral¹⁹⁶. Deste modo, pode afirmar: “E assim a morte perpassou todos os homens, no qual todos pecaram. Enquanto, de fato, pecam e, semelhantemente, morrem: não perpassou certamente a Abraão, Isaac e Jacó, dos quais diz o Senhor: ‘todos, com efeito, vivem para ele’”¹⁹⁷.

Comentando o v. 15, diz que se o pecado de Adão corrompesse aqueles que não pecaram pessoalmente, também a graça de Cristo deveria favorecer aqueles que

¹⁹⁴ *In Luc.* 7, 234: PL 15, 1762b. Na sua obra *Sobre os Mistérios*, ao explicar o sacramento do batismo, confirmando a ideia deste parágrafo, o bispo de Milão fala de “*pecado hereditário*” em contraste com os pecados pessoais: “*Pedro estava puro, mas devia lavar os pés, pois tinha o pecado que vem pela sucessão do primeiro homem, quando a serpente o subjugou e o induziu ao erro. É por isso que se lava os pés, a fim de tirar os pecados hereditários*”. *De Myst.* 1, 6, 32: PL 16, 398c.

¹⁹⁵ *In Luc.* 6, 35: PL 15, 1677d: “*Ex hac ergo muliere intellegimus illud apostolicum quid sit: superabundauit peccatum, ut superabundaret gratia. Nam si in ista muliere non superabundasset peccatum, non superabundasset gratia*”. Nota-se que Ambrósio lê da mesma forma os verbos *πλεονάσω* e *ὑπερπερισσεύω* de Rm 5,20b traduzindo-os como “*superabundare*”.

¹⁹⁶ Cf. *Exp. in Rom.* 5, 12: PLS 1, 1136.

¹⁹⁷ *Exp. in Rom.* 5, 12: PLS 1, 1136.

não creem. Além disso, para Pelágio, se a alma é criada diretamente por Deus, somente a carne, que vem dos pais, pode merecer a pena, não a alma. Caso se afirmasse que esta última contrai o pecado, isto equivaleria a dizer que Deus lhe estaria imputando pecados de outros¹⁹⁸.

A respeito de Rm 5,19, diz: “Seguindo o exemplo da desobediência de Adão pecaram muitos do mesmo modo que a obediência de Cristo justificou a muitos. Grande, portanto, é o crime da desobediência que mata a tantos”¹⁹⁹.

E. Agostinho

Com Agostinho de Hipona, no contexto da controvérsia contra os seguidores de Pelágio, chega-se a um dos pontos mais salientes na história da interpretação do texto paulino de Rm 5,12-21 e da alusão a Gn 3 encontrada nesse texto.

Na sua obra *Dos Méritos e do Perdão dos Pecados e do Batismo das Crianças a Marcelino (De peccatorum meritis et remissione et de baptismo parvulorum ad Marcellinum)*, utilizando uma versão de Rm 5,12 na qual falta o sujeito “mors” de 12c²⁰⁰, Agostinho coloca como sujeito a palavra pecado, ao contrário dos pelagianos que, tendo um texto com a mesma variante, puseram, corretamente, morte. Interpretando desse modo o versículo, teria sido o pecado de Adão que perpassou (“pertransivit”) todos os homens e assim este vem chamado pelo Doutor da Graça de “originale peccatum”²⁰¹. A morte, por sua vez, seria o castigo imediato pelo pecado de Adão, o qual, “não só deu exemplo de imitação aos transgressores voluntários dos preceitos do Senhor, mas, além disto, contagiou com a oculta gangrena da sua concupiscência carnal a todos os que nascem da sua estirpe”²⁰².

A morte de que fala esse versículo para Agostinho é, antes de tudo, a morte corporal, sendo que, colocando como paralelo de Rm 5,12a o texto paulino de 1Cor 15,20-22, o Doutor da Graça afirma:

Pois o mesmo que diz aqui aos coríntios com as palavras: “Por um homem veio a morte, por um homem a ressurreição dos mortos, porque, como em Adão morrem todos, assim também em Cristo serão todos vivificados”, não é a mesma coisa que

¹⁹⁸ Cf. *Exp. in Rom. 5, 15*: PLS 1, 1137.

¹⁹⁹ *Exp. in Rom. 5,19*: PLS 1, 1138.

²⁰⁰ Esta omissão será tratada mais adiante no item no qual se fará a crítica textual de Rm 5,12-21.

²⁰¹ Cf. *De pecc. merit. et rem.*, I, 9, 9: PL 44, 114.

²⁰² *De pecc. merit. et rem.*, I, 9, 10: PL 44, 115.

diz aos romanos: “Por um homem entrou o pecado no mundo e pelo pecado a morte”? Mas a morte de que aqui fala o Apóstolo querem os adversários que seja, não a corporal, mas a espiritual²⁰³.

Em *Contra duas epístolas dos pelagianos* (*Contra duas epistolas pelagianorum*), oferece duas opções de compreensão para Rm 5,12d, que na sua versão se lê “in quo omnes peccaverunt”, “no qual todos pecaram”²⁰⁴: ou se entenderia como “naquele homem pecaram todos”²⁰⁵ ou como “naquele pecado pecaram todos”²⁰⁶. Mas sendo que no texto grego, afirma Agostinho, a palavra ἁμαρτία, “pecado” é de gênero feminino, “tem-se que concluir que a compreensão correta é dizer que todos pecaram naquele primeiro homem, porque todos, quando ele pecou, estavam nele, do qual pelo nascimento herdaram o pecado (...)”²⁰⁷.

Ao comentar os vv. 13 e 14, em *Dos Méritos e do Perdão dos Pecados e do Batismo das Crianças*, diz que nem mesmo a Lei pôde destruir o pecado, pois a sua função seria a de avultá-lo, “ora se trate da lei natural, em virtude da qual o homem, quando chega ao uso da razão, começa a somar ao pecado original os pecados próprios, ora se trate da lei escrita promulgada por Moisés ao povo”²⁰⁸.

Aqui o conceito de morte vem ampliado: o reino da morte, que se iniciou com o pecado de Adão, deve ser compreendido não só como se referindo à morte física, mas também como “dominação no homem do reato do pecado” que o impede de alcançar a vida eterna, a qual “é a única verdadeira vida”²⁰⁹.

Agostinho ao falar de Rm 5,12-21, devido à polêmica contra os pelagianos, dá toda ênfase ao v. 12, utilizando-o como prova escriturística em favor da doutrina do pecado original. Nos comentários aos outros versículos da perícopa busca, principalmente, fundamentar a interpretação por ele dada ao v.12. Não obstante isto, encontram-se algumas indicações, sempre em relação ao mal trazido por Adão, dos efeitos da graça que se obtém em Jesus Cristo.

²⁰³ *De pecc. merit. et rem.*, I, 8, 8.; PL 44 113-114.

²⁰⁴ Cf. *Contr. duas epist.*, IV, 4, 7: PL 44, 614.

²⁰⁵ Cf. *Contr. duas epist.*, IV, 4, 7: PL 44, 614.

²⁰⁶ Cf. *Contr. duas epist.*, IV, 4, 7: PL 44, 614.

²⁰⁷ *Contr. duas epist.*, IV, 4, 7: PL 44, 614.

²⁰⁸ *De pecc. merit. et rem.*, I, 10, 12: PL 44, 116.

²⁰⁹ Cf. *De pecc. merit. et rem.*, I, 11, 13: PL 44, 116, e em *Ench.* 27,8: PL 40, 255 onde diz que depois do pecado de Adão “toda a massa condenada (*massa damnata*) do gênero humano jazia sumida em toda sorte de males, ou melhor, submergida, e se precipitava de mal em mal, e, unida aos anjos rebeldes, expiava sua ímpia deserção com justíssimas penas”, e ainda em *De div. quaest. ad Simpl.*, I, 2, 17: PL 40, 121 onde Agostinho dirá, referindo-se à salvação que Deus concede a quem Ele quer, que “(...) tanto o favorecido como o abandonado pertencem à mesma massa de pecadores, e mesmo que os dois sejam devedores da mesma pena, a um ela é exigida e ao outro lhe é perdoada”.

Deste modo, interpretando Rm 5,15.17.20, afirma que Cristo redimiuiu com sua graça e perdoou não só o pecado original, motivo da condenação de todos em Adão, mas também os pecados pessoais acrescentados àquele²¹⁰.

E, ao comentar o v. 17, declara que a “abundância da graça e da justiça” que recebem os que estão em Cristo não só lhes perdoa os pecados original e pessoal, mas dá-lhes uma justiça tão poderosa que, ao contrário de Adão, condenado por consentir uma simples sugestão do demônio, “eles não se rendem, nem quando com violência lhes quer arrastar ao pecado”²¹¹.

F. Cirilo de Alexandria

Conserva-se de Cirilo, entre tantos outros comentários ao Antigo e ao Novo Testamento, uma “*Exposição sobre Romanos*”, na qual, comentando Rm 5,12, afirma que todo o gênero humano pelo pecado de Adão é condenado não só à morte física, mas também àquela espiritual. Diz:

Com o pecado, a morte entrou no primeiro homem e como consequência, nas origens da nossa estirpe, corrompeu todo o gênero humano. (...). Assim, portanto, afastados da face de Deus santíssimo, porque “os desígnios do coração do homem são maus desde a sua infância” (Gn 8,21), conduzíamos uma vida insensata e a morte nos devorou, segundo a palavra do profeta: “o inferno alargou a sua garganta e abriu a sua boca desmesuradamente” (Is 5,14). De fato, como nós nos tornamos imitadores da transgressão de Adão, à medida que todos pecaram, fomos condenados a uma pena semelhante à sua²¹².

Como se vê, para Cirilo, os pecados pessoais exercem certa causalidade nessa condenação à morte eterna. No entanto, tal causalidade exercida pelos pecados pessoais não ofusca a causalidade universal de Adão, “antes, a reforça do momento que é dela, por assim dizer, a consequência”²¹³. O sentido dessa causalidade adâmica fica bem claro no comentário aos vv. 18 e 19, no qual leva em conta a distinção entre natureza e pessoa, o que lhe vai permitir conciliar a universal causalidade de Adão e a responsabilidade pessoal recordada por ele no texto citado anteriormente²¹⁴.

²¹⁰ Cf. *De pecc. merit. et rem.* I, 11, 14: PL 44, 117; *De pecc. merit. et rem.* I, 15, 20: PL 44, 120.

²¹¹ *De pecc. merit. et rem.*, I, 13, 17: PL 44, 118.

²¹² *In epist. ad Rom.*, V, 12: PG 74, 783b.

²¹³ Cf. LYONNET, S. *Études sur l'Épître aux Romains*. Roma: Editrice Pontificio Istituto Biblico, 1989, p. 197.

²¹⁴ Cf. LYONNET, S. *La Storia della Salvezza nella Lettera ai Romani*, pp. 84-85.

Eis como fomos constituídos pecadores a causa da desobediência de Adão: Este, criado para a incorruptibilidade, conduzia no Paraíso uma existência toda santa, o espírito era totalmente ocupado na contemplação divina, as potências do corpo estavam em perfeito equilíbrio (...). Mas, porque ele caiu sob o pecado e escorregou na corrupção, as vontades impuras irromperam no nosso ser carnal e a lei feroz dos nossos membros apareceu. A natureza, portanto, contrai o pecado por causa da desobediência de um só, Adão. Assim a multidão dos homens foi constituída pecadora, não por ter como Adão transgredido algum preceito, porque ainda não existiam, mas enquanto pertencem à natureza de Adão, e está também caída sob a lei do pecado²¹⁵.

Deste modo, a humanidade foi constituída pecadora não porque pecou pessoalmente em Adão, mas enquanto faz parte da sua natureza corrompida pelo pecado. Portanto, o substantivo μιμητής²¹⁶ (imitador), utilizado por Cirilo no fim da primeira citação, dista grandemente do valor a ele atribuído por Pelágio e seus seguidores.

Cirilo expõe também o meio utilizado por Deus para operar a libertação, ou seja, a Encarnação redentora do seu Filho, a qual restitui à pessoa humana a incorruptibilidade: “Em Cristo nós nos tornamos uma nova criatura, porque nele foi plantada uma nova raiz”²¹⁷.

No comentário ao versículo 14, esta metáfora da raiz reaparecerá referindo-se a Adão, a velha raiz: “Tendo a morte invadido, do mesmo modo que atingiu Adão, toda a sua descendência, toda a humanidade é como uma planta que nasceu com a raiz infectada da qual não podem germinar a não ser ramos corrompidos”²¹⁸.

Pode-se assim resumir o pensamento de Cirilo: os maus frutos, ou seja, os pecados pessoais, provêm seguramente dos ramos. No entanto, os ramos devem a sua corrupção à infecção que atingiu a raiz, sendo esta mesma provocada pelo pecado de Adão. A esta humanidade adâmica se opõe a humanidade em Cristo, recriada como uma planta com a raiz renovada.

G. João Crisóstomo

Nos seus “*Comentários à Epístola aos Romanos*”, ao falar de Rm 5,12, após elogiar a São Paulo pelo proceder similar àquele dos bons médicos, os quais

²¹⁵ *In epist. ad Rom.*, V, 18: PG 74, 790a.

²¹⁶ Cf. *In epist. ad Rom.*, V, 12: PG 74, 783b.

²¹⁷ *In epist. ad Rom.*, V, 5: PG 74, 782c – 783a.

²¹⁸ *In epist. ad Rom.*, V,14: PG 74, 786a.

“exploram sempre a raiz das enfermidades e sempre chegam à fonte destes males”, faz a ligação entre Rm 5,12-21 e a perícopos anterior, a qual afirmava que “fomos justificados pelo Espírito Santo e por Cristo”²¹⁹.

Na pergunta sobre o objeto dessa justificação encontra-se o ponto de ligação entre as duas perícopos: de que o gênero humano foi justificado? Foi justificado do pecado e da morte, afirma Crisóstomo. Mas resta ainda saber como entrou a morte. Responde: “pelo pecado de um só”. No entanto, pergunta ainda, “o que quer dizer ἐφ’ ᾧ πάντες ἥμαρτον?”. Respondendo à pergunta retórica, afirma o patriarca de Constantinopla a respeito de Adão: “este caiu, e também caíram aqueles que da árvore não comeram e, como efeito disto, temos o fato de que por meio dele todos se tornaram mortais”²²⁰.

Esta é a especificidade de João Crisóstomo ao interpretar esse versículo: o ser humano não se torna pecador em Adão, se torna apenas mortal. Essa ideia reaparece no comentário ao v. 19:

Dizer que aquele (Adão) se tornou mortal pelo seu pecado, e que o somos também nós o seu descendente não há nada de inverossímil. Mas é talvez lógico que pela desobediência daquele, outro se deve tornar pecador? Merecedor da pena é só aquele que de iniciativa própria se tornou pecador. Que valor se deve dar, portanto à palavra “pecador”? A meu parecer esta tem aqui o sentido de “passíveis de castigo”, “condenados à morte”²²¹.

Comentando o v. 14, fala de que modo deve ser compreendida a afirmação de que Adão foi a figura de Cristo, estabelecendo assim o sentido do paralelismo.

De fato, Adão é figura de Cristo. Mas de que modo se deve entender que ele é ‘figura’? Deve-se entender no sentido de que do mesmo modo que, não lhe sendo lícito comer da árvore, foi causa de morte para a sua descendência através do alimento por ele ingerido, assim também Cristo para os seus, apesar de estes não serem justos, para eles foi o conciliador da justiça, justiça esta que nos chegou por meio da cruz²²².

²¹⁹ *In epist. ad Rom.* X, 1: PG 60, 474.

²²⁰ *In epist. ad Rom.* X, 1: PG 60, 473-474.

²²¹ *In epist. ad Rom.* X, 2-3: PG 60, 477. Tal interpretação parece mutilar o sentido do texto, do momento que o Apóstolo utiliza o verbo καθίστημι na forma de aoristo passivo - κατεστάθησαν - com o significado de “ser constituído”, sendo que ser constituído pecador significa que os descendentes de Adão, em consequência da ação daquele que originou sua estirpe, são colocados diante do juízo de Deus no estado de pecadores. Cf. KUSS, O. *La Lettera ai Romani*. Brescia: Morcelliana, 1962, p. 319.

²²² *In epist. ad Rom.* X, 1: PG 60, 475.

E, ainda na explanação sobre esse versículo, respondendo a uma objeção dos judeus, de modo apologético, esclarece mais ainda a compreensão do paralelismo Adão-Cristo:

A ti dizem os judeus: de que modo um só Cristo operando retamente, trouxe a salvação do mundo? O mesmo poderias a ele dizer: de que modo um só Adão sendo desobediente trouxe a condenação a todo o orbe? Se bem que o pecado não é igual à graça, nem a morte à vida, nem o diabo a Deus, mas a diferença é imensa²²³.

Explicando por que o Apóstolo diz “onde abundou o pecado superabundou a graça” no v. 20, e não onde abundou o pecado, abundou a graça, faz ver de modo excelente em que consiste a obra de Cristo.

Não se dá, de fato, como simples libertação do suplício, mas também nos concede a remissão dos pecados e a vida; e além disso, o que muitas vezes dissemos: ao enfermo não só o liberta da doença, mas também o torna formoso, forte, honrado; ou ainda, ao necessitado não só alimenta, mas o cumula de muitas riquezas e o eleva ao mais alto império²²⁴.

Ou seja, com Cristo a humanidade tem um crescimento qualitativo, recuperando aquilo que possuía na primeira criação e havia perdido com a queda do primeiro homem, e recebendo de modo sublime uma infinidade de outros dons²²⁵.

2.2.6.1.2.

Autores da Idade Média até Trento

A. Pedro Abelardo²²⁶

Como primeiro representante da Idade Média põe-se o teólogo e filósofo francês Pedro Abelardo. Dentre tantas de suas obras destacam-se os seus *Comentários sobre a Carta de São Paulo aos Romanos* (*Commentaria in epistolam Pauli ad Romanos*).

²²³ *In epist. ad Rom.* X, 1: PG 60, 475.

²²⁴ *In epist. ad Rom.* X, 4: PG 60, 479.

²²⁵ Cf. *In epist. ad Rom.* X, 4: PG 60, 479.

²²⁶ Nos autores medievais, exceto Tomás de Aquino, mudou a forma de citação das obras, pois consultou-se a *CD ROM Cetedoc Library of Christians Latin Texts, Medii Aevi Scriptores*, Vol. II, Lovanii Novi: Universitas Catholica Lovanensis - Brepols, 1996, de modo que após o nome da obra vem citado o número do livro, se for mais de um, logo após o capítulo e por último a linha da citação. Após a sigla da coletânea se cita somente o número da obra no *CD ROM* sem o número da página.

Logo no início do seu comentário a Rm 5,12-21 nota que ao v. 12 falta um complemento: para Pedro Abelardo, depois de διὰ τοῦτο, “propterea”, que neste contexto traduziu-se como “por isso mesmo”, se continuaria o pensamento da perícopie anterior (Rm 5, 1-11), a qual falava da reconciliação que se recebeu em Cristo²²⁷. O texto completo seria, segundo Abelardo, deste modo: “Por isso mesmo, porque assim como recebemos a reconciliação por meio de Cristo, de modo que por um só recebemos a justiça para a justificação que traz a vida a todos os homens, do mesmo modo por um só homem entrou o pecado no mundo etc.”²²⁸

A morte de que fala o v.12 vem compreendida como “por certo corporal”, porém, não só esta perpassou todos os homens, mas também o pecado, “ao menos” o original, e, deste modo, em Adão todos pecaram, ou seja, incorreram na pena do pecado²²⁹. O mesmo afirma, comentando o v. 19: “Pelo pecado de Adão muitos, e não todos, foram constituídos pecadores, ou seja, entregues à pena eterna”²³⁰.

Deve-se destacar aqui a interpretação do termo πολλοί como “muitos”. Isto porque, caso contrário, teria de afirmar, para ser coerente com o seu pensamento, que todos foram entregues à eterna pena em decorrência do pecado de Adão, o que, segundo Abelardo, fugiria da verdade, sendo que “Cristo sempre foi imune de todo pecado” e que, por outra parte,

existem muitos que tendo o pecado original perdoado pelo sacramento da Igreja, foram condenados pelos seus próprios pecados, dos quais não se pode dizer de nenhum modo que foram constituídos pecadores em Adão, mas se constituíram a si mesmos, porquanto já neles não se pune o pecado de Adão, o qual neles já está perdoado, mas os seus próprios pecados²³¹.

Quanto ao modo como deve ser compreendido o paralelismo Adão-Cristo, Pedro Abelardo, explicando o v. 14 onde diz que “Adão é a figura daquele que deveria vir”, afirma que

assim como Cristo é pai de todos os seres espirituais, do mesmo modo Adão é daqueles carnis, isto é, Cristo é a cabeça daqueles que foram gerados para Deus, do mesmo modo que Adão é daqueles que foram gerados para o mundo, de modo que um gera para a vida e para o descanso e o outro para a morte e para a pena²³².

²²⁷ Cf. *Comm. in epist. ad Rom.* 2, 5, 111: CLCLT - SM, 181.

²²⁸ *Comm. in epist. ad Rom.* 2, 5, 127: CLCLT - SM, 181.

²²⁹ Cf. *Comm. in epist. ad Rom.* 2, 5, 121: CLCLT - SM, 181.

²³⁰ *Comm. in epist. ad Rom.* 2, 5, 267: CLCLT - SM, 181.

²³¹ *Comm. in epist. ad Rom.* 2, 5, 269: CLCLT - SM, 181.

²³² *Comm. in epist. ad Rom.* 2, 5, 173: CLCLT - SM, 181.

Na sua explanação sobre o v. 15, explicando ainda o modo correto de compreensão do paralelismo, diz:

Não acontece com o delito de Adão o mesmo que com o dom de Cristo, isto é, não existe igualdade entre o que estes transmitiram às suas descendências. Muito mais Cristo transmitiu à sua posteridade no que se refere à salvação, que Adão no que diz respeito à condenação. Isto porque, justamente, aprovou à divina justiça e piedade trazer mais por Cristo proveito, que por Adão desvantagem, isto é, mais ganho por meio daquele que perda por este²³³.

Porém, comentando a diferença no tempo do verbo καθίστημι, “constituir” no que se refere à ação de Cristo e de Adão no v. 19, onde diz que “pela desobediência de um, muitos foram constituídos pecadores e em Cristo muitos serão constituídos justos”, afirma:

Mesmo que o pecado de Adão a nós transmitido esteja presente em nós através da sua pena, a justificação por Cristo é como se fosse ainda coisa futura, como se estivesse oculta, e os cristãos sofrem excessivamente aflições neste mundo. De onde o Apóstolo João diz: “Desde já somos filhos de Deus, mas ainda não se manifestou o que seremos. Sabemos que por ocasião dessa manifestação seremos semelhantes a ele etc (1Jo 3,2)”²³⁴; e o próprio Paulo: “A nossa vida está escondida com Cristo em Deus (Col 3,3)”²³⁴.

Finalmente, no comentário ao v. 20, deve-se destacar a compreensão que tem do mistério salvífico o qual, na sua visão não se limita ao Mistério Pascal, mas engloba toda a ação de Cristo:

Onde (...) abundou o pecado, superabundou a graça de Cristo, isto é, os bens provenientes da sua graça, não sendo estes fruto, portanto, de méritos pessoais. Além disso, foi nele que a nossa salvação se operou de especial modo, tanto nascendo como por certo pregando, (...), perdoando os pecados ou fazendo milagres e padecendo, ressuscitando, subindo aos céus, mandando o Espírito Santo, como também reunindo os Apóstolos e os primeiros eleitos para, através deles, conquistar o mundo para Deus²³⁵.

B. Guilherme de São Teodoro

Entre os seus escritos encontra-se uma “*Exposição sobre a Epístola aos Romanos*” (*Expositio super epistolam ad Romanos*). No que se refere a Rm 5,12-21 e à alusão nessa perícopa a Gn 3, o autor inicia o seu comentário com uma introdução que visa estabelecer o modo como deve ser compreendido o paralelismo

²³³ *Comm. in epist. ad Rom.* 2, 5, 191: CLCLT - SM, 181.

²³⁴ *Comm. in epist. ad Rom.* 2, 5, 288: CLCLT - SM, 181.

²³⁵ *Comm. in epist. ad Rom.* 2, 5, 744: CLCLT - SM, 181.

Adão-Cristo. Tendo como base da sua argumentação a universal causalidade adâmica apoiada na tradução do versículo 12d como “in quo omnes peccaverunt” (“no qual todos pecaram”), diz que o Apóstolo, nesse texto, fala basicamente de dois homens: o primeiro deles é Adão, o qual deixou como herança à sua posteridade o pecado e a morte; o outro é o segundo Adão, o qual não sendo só homem, mas também Deus, pagou o que não devia, e assim “fomos livres tanto dos débitos paternos como dos próprios”²³⁶.

Afirma ainda que “assim como por um só, o diabo tinha como escravos todos os que foram gerados pela concupiscência da sua carne viciada, é justo que por um só sejam perdoados os que foram regenerados por sua imaculada graça espiritual”²³⁷.

Guilherme de São Teodoro nota que no v. 12 o pensamento foi interrompido bruscamente. Para completá-lo ter-se-ia de acrescentar um complemento, que, à diferença de Abelardo, não seria uma continuação de Rm 5,1-11, mas viria colocado depois de se falar do primeiro Adão como que em ordem cronológica. Assim ficaria o versículo:

Onde diz: Assim como por um só homem o pecado entrou no mundo, e pelo pecado a morte, e assim perpassou a todos, resta dizer: Assim por um homem a justiça entrou no mundo, e pela justiça a vida, e assim perpassou todos os homens, no qual todos são justificados²³⁸.

A respeito do “por um só homem”, afirma que não foi por imitação do seu exemplo que os descendentes de Adão se tornaram devedores como o seu progenitor, da mesma forma que os que recebem do Senhor a justificação a recebem não por ter imitado o seu exemplo, mas “por oculta comunicação e inspiração da graça espiritual”²³⁹.

Como o faz Agostinho, o autor coloca uma questão a respeito do modo de compreensão de “no qual todos pecaram”: Deve ser entendido como “no pecado que foi introduzido neste mundo todos pecaram”, ou “em Adão todos pecaram”?²⁴⁰

Respondendo afirma:

Se Levi, nascido quatro gerações depois de Abraão, pereceu na carne de Abraão, muito mais todos os homens estavam na carne de Adão ao pecar, e nele pecaram,

²³⁶ *Exp. super epist. ad Rom.* 3, 219: CLCLT - SM, 979.

²³⁷ *Exp. super epist. ad Rom.* 3, 225: CLCLT - SM, 979.

²³⁸ *Exp. super epist. ad Rom.* 3, 248: CLCLT - SM, 979.

²³⁹ *Exp. super epist. ad Rom.* 3, 270: CLCLT - SM, 979.

²⁴⁰ *Exp. super epist. ad Rom.* 3, 336: CLCLT - SM, 979.

e com ele foram expulsos do paraíso e por sua morte a morte perpassou a todos os que tinha na sua carne²⁴¹.

E sendo que “nada de carnal é gerado senão por Adão e nada de espiritual a não ser por Cristo”²⁴², em conformidade com a ideia segundo a qual “o homem é o início da geração”²⁴³, Guilherme diz que o pecado original é transmitido por geração através do sêmen do homem²⁴⁴, e tem como consequência a morte espiritual²⁴⁵, a qual, por sua vez, traz consigo a morte corporal²⁴⁶.

Porém, a respeito daqueles que, reconhecendo a grandeza do chamado divino e invocando aquele em quem creram, imploraram a misericórdia divina²⁴⁷, se pode dizer: “‘Onde abundou o pecado superabundou a graça’, pois a quem muito amou, muito foi perdoado e derramado nos seus corações o amor de Deus, de onde procede a plenitude da Lei, não pela força dos julgamentos humanos, mas pelo Espírito Santo que nos foi dado”²⁴⁸.

C. Tomás de Aquino

Na sua principal obra, a *Summa Theologica*, ao falar da causa dos pecados no que diz respeito à sua origem, Tomás de Aquino faz menção a Rm 5,12, utilizando-o para refutar diversas objeções contra a doutrina do pecado original, tais como: “o filho não carregará a iniquidade de seu pai”; ou ainda: “o acidente não passa de um sujeito para outro”; “o sêmen não pode causar pecado por lhe faltar a parte racional da alma” etc ²⁴⁹.

Respondendo a tais objeções, Tomás de Aquino afirma:

Mas contra isto está o que diz o Apóstolo em Rm, 5,12: Por um só homem entrou o pecado no mundo. O que não se pode entender a modo de imitação, por isso diz a Sb 2,24: Pela inveja do diabo, entrou no mundo a morte. Logo, só pela geração do primeiro homem entrou o pecado no mundo²⁵⁰.

²⁴¹ *Exp. super epist. ad Rom.* 3, 340: CLCLT - SM, 979.

²⁴² *Exp. super epist. ad Rom.* 3, 536: CLCLT - SM, 979.

²⁴³ *Exp. super epist. ad Rom.* 3, 277: CLCLT - SM, 979.

²⁴⁴ Cf. *Exp. super epist. ad Rom.* 3, 273: CLCLT - SM, 979.

²⁴⁵ Cf. *Exp. super epist. ad Rom.* 3, 304: CLCLT - SM, 979.

²⁴⁶ Cf. *Exp. super epist. ad Rom.* 3, 305: CLCLT - SM, 979.

²⁴⁷ Cf. *Exp. super epist. ad Rom.* 3, 572: CLCLT - SM, 979.

²⁴⁸ *Exp. super epist. ad Rom.* 3, 576: CLCLT - SM, 979.

²⁴⁹ Cf. *S. Th. Ia IIae*, q. 81, a.1, ad 1.

²⁵⁰ *S. Th. Ia IIae*, q. 81, a.1, ad 1.

Após isto, explica como na sua compreensão se dá a transmissão do pecado do primeiro pai: para Tomás, todos os filhos de Adão formam como que um só corpo, “por terem a mesma natureza herdada do primeiro pai”, de modo que todos os nascidos de Adão são como membros de um único corpo²⁵¹.

Assim como uma mão que comete homicídio o comete não voluntariamente, mas por vontade da alma, “motora primeira dos membros”, não lhe sendo imputado o homicídio em si mesmo, mas enquanto membro do corpo, do mesmo modo a desordem existente na pessoa humana gerada por Adão não é voluntária, mas pela vontade de Adão

que move, pela moção da geração, todos os que dele receberam a origem, assim como a vontade da alma move a agirem todos os membros do corpo. Por onde o pecado assim originado do primeiro pai chama-se original, do mesmo modo que o derivado da alma para os membros do corpo se chama atual²⁵².

Deste modo, o pecado original não é pecado de uma determinada pessoa, mas é um “pecado de natureza, conforme escrito em Ef 2,3: ‘Éramos por natureza filhos da ira’”²⁵³, o qual por sua vez “é uma disposição desordenada proveniente do desaparecimento daquela harmonia em que consistia a essência da justiça original”²⁵⁴.

Nessas afirmações o Doutor Angélico toma elementos de uma grande parte dos autores vistos até agora, tanto orientais como ocidentais, fazendo uma verdadeira síntese de tudo aquilo que foi dito anteriormente.

D. Martinho Lutero

Em 1517 Lutero torna públicas as suas teses contra as indulgências, desencadeando inúmeras reações contrárias, inclusive a condenação de proposições nelas contidas pelo papa Leão X com a Bula *Exurge Domine* de 15 de junho de 1520. A 3 de janeiro de 1521, com a Bula *Decet Romanum Pontificem*, é excomungado juntamente com seus seguidores. Daí por diante lança os fundamentos daquilo que iria levar ao fim a unidade do cristianismo no Ocidente²⁵⁵.

²⁵¹ Cf. *S. Th. Ia IIae*, q. 81, a.1, *resp.*.

²⁵² *S. Th. Ia IIae*, q. 81, a.1, *resp.*.

²⁵³ *S. Th. Ia IIae*, q. 81, a.1, *resp.*.

²⁵⁴ *S. Th. Ia IIae*, q. 82, a. 1, *resp.*.

²⁵⁵ Cf. MONDIN, B. *Storia della Teologia*. Vol 3. Bologna: Edizioni Studio Domenicano, 1996, pp. 140-141; SCHLESINGER, H. - PORTO, H. *Líderes Religiosos da Humanidade*, São Paulo: Paulinas, 1986, pp. 864-865.

Entre seus escritos, que influenciaram sobremaneira gerações inteiras dentro e fora dos ambientes luteranos no que se refere à compreensão de Paulo e do judaísmo da sua época²⁵⁶, tem-se o *Prefácio à Epístola de São Paulo aos Romanos*, publicado em 1522²⁵⁷. Inicia esse texto com as seguintes palavras, nas quais se percebe a tendência de Lutero de estabelecer um cânon dentro do cânon do Novo Testamento²⁵⁸:

Esta Carta é na verdade o escrito mais importante do Novo Testamento e o mais evangelho puro. É digna de que todo cristão não só a conheça de memória palavra por palavra, mas também de que se ocupe dela como pão quotidiano da alma; pois nunca poderá ser lida ou ponderada o suficiente, e quanto mais é estudada, quanto mais preciosa e apetecível se torna²⁵⁹.

Nesse prefácio, como condição para a compreensão da Carta aos Romanos, Lutero coloca o conhecimento de termos-chave utilizados por Paulo, tais como “Lei, pecado, graça, fé, carne, espírito e outras semelhantes, caso contrário a leitura não teria nenhum proveito”²⁶⁰. Logo após ter exposto a sua compreensão de tais termos, conclui a explanação com as seguintes palavras:

Sem esta compreensão destas palavras nunca entenderás esta epístola de São Paulo, nem nenhum livro da Sagrada Escritura. Por isso debes precaver-te de todos os mestres que usam estas palavras em outro sentido, seja lá quem for, Jerônimo, Agostinho, Ambrósio, Orígenes, semelhantes a eles ou ainda superiores²⁶¹.

Tendo posto tais premissas, na segunda parte do prefácio, faz uma pequena apresentação de cada capítulo da Carta. Ao chegar a Rm 5,12-21, afirma que nesse

²⁵⁶ Tal compreensão vem sendo repensada a partir da chamada “Nova Perspectiva” sobre Paulo: “Como observa Sanders, já faz cem anos que a maioria dos estudiosos do Novo Testamento tem defendido uma antítese fundamental entre Paulo e o judaísmo, especialmente o judaísmo rabínico, e tem considerado essa antítese um fator central, geralmente um fator central na compreensão de Paulo, o judeu-que-se-tornou-cristão. O centro do problema é o caráter do judaísmo como religião de salvação. Para especialistas rabínicos, a ênfase que o judaísmo rabínico confere à bondade e generosidade de Deus, seu encorajamento do arrependimento e da oferta de perdão é totalmente óbvia, enquanto Paulo parece retratar o judaísmo como fria e calculadamente legalista, um sistema de “obras” de justiça, onde a salvação é ganha pelo mérito de boas obras. Olhando desde outra perspectiva, o problema é a maneira como Paulo foi entendido como o grande expoente da doutrina central da Reforma, da justificação pela fé. Como Krister Stendahl alertou há vinte anos, é decepcionantemente fácil ler Paulo à luz da busca agonizante de Lutero que procurava alívio para a sua consciência atormentada. Já que o ensinamento paulino sobre a justificação pela fé parece falar de modo tão direto às lutas subjetivas de Lutero, era um efeito colateral natural ver os oponentes de Paulo em termos do catolicismo não reformado que fez oposição a Lutero (...)”. DUNN, J. D. G. *A Nova Perspectiva sobre Paulo*. Santo André: Academia Cristã - São Paulo: Paulus, 2011, p. 159.

²⁵⁷ Cf. LUTERO, M. *Comentarios de Martín Lutero - Carta del Apóstol Pablo a los Romanos*. Vol. I. Terrassa: Editorial Clie, 1998, p. 11.

²⁵⁸ Cf. BROWN, R. E. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 104.

²⁵⁹ LUTERO, M. *Comentarios de Martín Lutero - Carta del Apóstol Pablo a los Romanos*, p. 11.

²⁶⁰ LUTERO, M. *Comentarios de Martín Lutero - Carta del Apóstol Pablo a los Romanos*, p. 11.

²⁶¹ LUTERO, M. *Comentarios de Martín Lutero - Carta del Apóstol Pablo a los Romanos*, p. 16.

ponto o Apóstolo expõe de onde provêm o pecado e a justiça, a morte e a vida, através do confronto de Adão e Cristo²⁶². Tendo dito isso, fala da necessidade da vinda de Cristo ao mundo como segundo Adão, o qual concedeu ao homem por herança sua justiça, através do nascimento espiritual na fé, da mesma forma como o primeiro Adão passou a toda a humanidade a herança do pecado através do nascimento carnal²⁶³. Isto é para Lutero a prova de que

ninguém pode com as obras libertar-se a si mesmo do pecado e chegar à justiça, assim como tampouco pode evitar nascer corporalmente. Com isso se demonstra também que a Lei divina, que por lógica deveria ajudar, se é que ela poderia contribuir em algo para a justiça, não só não pode ajudar, como até aumentou o pecado, pelo fato de que a natureza má tanto mais se torna inimiga da Lei e prefere satisfazer seus apetites, quanto mais a Lei o proíbe. Desta maneira a Lei torna ainda mais necessário Cristo e tanto mais exige a graça que venha em auxílio da natureza²⁶⁴.

Como fruto de aulas conferidas entre os anos de 1515 e 1516, ou seja, pouco antes da publicação de suas teses em outubro de 1517, tem-se outra obra de Martinho Lutero, o “Comentário a Romanos” ou “Lições sobre a Carta aos Romanos”, manuscritos tidos como perdidos e recuperados no séc. XIX. Apesar de terem sido proferidas antes de 1517, nelas já estão presentes os princípios fundamentais do luteranismo, principalmente a definição de pecado original elaborada por Lutero, o qual, na sua compreensão, afeta de tal maneira a natureza humana a ponto de comprometer a liberdade e no qual foca toda a sua exposição²⁶⁵.

Em tom coloquial, começa a sua apresentação sobre Rm 5,12-21, concentrando suas forças na utilização de uma série de argumentos escriturísticos e patrísticos na defesa de que no v. 12 o Apóstolo está se referindo ao pecado original, e não àquele atual²⁶⁶. Depois, em um *excursus*, busca apresentar a sua compreensão dessa realidade.

No entanto, antes de apresentar o seu conceito de pecado original, expõe aquele defendido pela teologia escolástica e aceito pela Igreja Católica, ou seja, “a ausência ou carência da justiça original”, o qual vem assim explicado: “A justiça,

²⁶² Cf. LUTERO, M. *Comentarios de Martín Lutero - Carta del Apóstol Pablo a los Romanos*, p. 19.

²⁶³ Cf. LUTERO, M. *Comentarios de Martín Lutero - Carta del Apóstol Pablo a los Romanos*, p. 19.

²⁶⁴ LUTERO, M. *Comentarios de Martín Lutero - Carta del Apóstol Pablo a los Romanos*, p. 19.

²⁶⁵ Cf. LUTERO, M. *Comentarios de Martín Lutero - Carta del Apóstol Pablo a los Romanos*, p. 9.

²⁶⁶ Cf. LUTERO, M. *Comentarios de Martín Lutero - Carta del Apóstol Pablo a los Romanos*, pp. 208-211.

no entanto, é, na opinião deles, não mais do que algo subjetivo na vontade do homem; ‘algo subjetivo’ é então também o oposto, ou seja, a ausência dessa justiça, e por isso pertence à categoria de uma qualidade (...)”²⁶⁷. Sendo assim, com a ausência dessa qualidade que é a justiça, desse *donum superadditum*, para usar uma expressão dos teólogos escolásticos citados por Lutero, isto é, dom que foi acrescentado à natureza original do homem, a natureza do ser humano não é afetada seriamente, mas sim ferida²⁶⁸.

Contradizendo essa definição, Lutero passa a elaborar o seu próprio conceito de pecado original, o qual, na sua compreensão,

não é só a ausência de uma qualidade na vontade, nem muito menos uma mera ausência de luz no entendimento ou de força na memória, mas é a ausência absoluta de toda retidão e potência de todas as faculdades tanto do corpo como da alma e do homem inteiro, interior e exterior. E, além do mais, é ela mesma inclinação para o mal, repugnância ao bem, aversão para com a luz, a sabedoria e, por outro lado, amor ao erro e às trevas, a tendência a fugir das boas obras, de aborrecê-las, e correr em direção ao mal, (...). Pois Deus odeia e conta como pecado não só aquela “ausência” (...), mas toda essa concupiscência que faz que desobedeçamos o mandamento que diz: “Não cobiçarás” (Ex 20,17)²⁶⁹.

Desse modo, Lutero identifica o pecado original com o “*fomes peccati*”, a inclinação para o pecado, “a lei da carne, a lei dos membros, a debilidade da natureza, o tirano, a enfermidade que a humanidade traz dentro de si desde suas origens”²⁷⁰, ou seja, em uma palavra, a concupiscência²⁷¹.

Em tudo o que foi exposto pode-se perceber a identificação, por parte de Lutero, do pecado original com a tendência ao mal existente no ser humano, ou seja, com a “concupiscência”, a qual seria invencível. Deste modo, Lutero, entendendo o pecado original como a orientação básica do ser humano, o qual afeta sobremaneira a sua natureza e a sua liberdade, afasta-se do pensamento católico²⁷² por ele mesmo exposto, ou seja, da compreensão de pecado original como privação

²⁶⁷ LUTERO, M. *Comentarios de Martín Lutero - Carta del Apóstol Pablo a los Romanos*, p. 211.

²⁶⁸ Cf. LUTERO, M. *Comentarios de Martín Lutero - Carta del Apóstol Pablo a los Romanos*, p. 211.

²⁶⁹ LUTERO, M. *Comentarios de Martín Lutero - Carta del Apóstol Pablo a los Romanos*, p. 212.

²⁷⁰ Cf. LUTERO, M. *Comentarios de Martín Lutero - Carta del Apóstol Pablo a los Romanos*, p. 212.

²⁷¹ Cf. LUTERO, M. *Comentarios de Martín Lutero - Carta del Apóstol Pablo a los Romanos*, p. 220.

²⁷² A doutrina católica sobre o pecado original se desenvolveu a partir do embate entre Agostinho e Pelágio, das definições do Concílio de Orange, da reflexão dos teólogos escolásticos e será reafirmada posteriormente na 5ª sessão do Concílio de Trento (cf. Ds 1510-1516).

da santidade e da justiça originais que, porém, não corrompe totalmente a natureza humana, mas sim a fere nas suas próprias forças naturais²⁷³.

Continuando a expor o seu pensamento sobre o v. 12a, onde Paulo afirma que “o pecado entrou no mundo”, procura mais uma vez destacar que não se está falando do pecado atual, o qual tem sua fonte no coração humano, mas do pecado original que, ao contrário “entra no homem”²⁷⁴.

Comentando o v. 12d, entra na questão tão discutida a respeito da interpretação e tradução do ἐφ’ ᾧ, o qual vem traduzido por Lutero, que acompanha a Vulgata como o faz em toda a sua exposição, como *in quo*. Para ele o texto não permite discernir com clareza se o pronome relativo se refere “a um masculino ou a um neutro”²⁷⁵. Sendo assim, ambas as interpretações estariam corretas, pois, segundo Lutero, o uso dessa ambivalência por parte do Apóstolo parece ter sido intencional, porquanto este queria dar a entender que o pronome relativo se refere tanto ao homem (masculino) no qual todos pecaram, cujo pecado se identifica com o pecado original, quanto ao pecado (neutro)²⁷⁶ no qual todos pecaram²⁷⁷. Desse modo, Lutero pode afirmar que, mesmo sendo a primeira explicação a que mais concorda com o contexto posterior, no qual diz o Apóstolo “assim como pela desobediência de um homem os muitos foram constituídos pecadores” (v. 19), no sentido de que todos pecaram no pecado daquele um só homem, “também a segunda interpretação é aceitável: tendo pecado um, pecaram todos”²⁷⁸.

Passando a comentar a afirmação do v. 13a: “Antes, de fato, da Lei o pecado existia no mundo”, diz que tal sentença não deve ser entendida como se o pecado só tenha existido até que fosse dada a Lei, e depois disto deixasse de existir, mas no sentido de que ele adquiriu uma notoriedade que não tinha quando não existia a Lei. Como prova disto utiliza o v. 13b: “O pecado, no entanto, não é imputado, não

²⁷³ Cf. LUTERO, M. *Comentarios de Martín Lutero - Carta del Apóstol Pablo a los Romanos*, pp. 211-212.

²⁷⁴ LUTERO, M. *Comentarios de Martín Lutero - Carta del Apóstol Pablo a los Romanos*, p. 214.

²⁷⁵ LUTERO, M. *Comentarios de Martín Lutero - Carta del Apóstol Pablo a los Romanos*, p. 214.

²⁷⁶ Vê-se que Lutero, mesmo tendo citado Agostinho (*Contr. duas epist.*, I,10,11: PL 44, 115), está utilizando como base do seu estudo o texto latino e não o grego como o Doutor da Graça, o qual afirma que no grego a palavra ἁμαρτία é de gênero feminino, e portanto, “tem-se que concluir que a compreensão correta é dizer que todos pecaram naquele primeiro homem, porque todos, quando ele pecou, estavam nele, do qual pelo nascimento herdaram o pecado (...)”. *Contr. duas epist.*, IV, 4, 7: PL 44, 614.

²⁷⁷ Cf. LUTERO, M. *Comentarios de Martín Lutero - Carta del Apóstol Pablo a los Romanos*, pp. 214-215.

²⁷⁸ LUTERO, M. *Comentarios de Martín Lutero - Carta del Apóstol Pablo a los Romanos*, p. 215.

existindo Lei”, o que, segundo ele, deve ser entendido do seguinte modo: “Por meio da Lei, até que ela existiu, o pecado não foi tirado, mas imputado”²⁷⁹.

Quanto à afirmação do v. 14a de que “a morte reinou”, a interpreta do seguinte modo: “o castigo pelo pecado, que é a morte, o conheciam todos por experiência; o que não se conhecia era a causa da morte: o pecado”²⁸⁰. Continuando a comentar o v. 14 diz concordar com Agostinho na sua interpretação da afirmação “à semelhança da transgressão de Adão” (v.14b), quando aplica esta passagem àqueles que “ainda não pecaram com sua vontade própria e pessoal como o fez Adão”²⁸¹, e com Ambrósio²⁸² quando, tentando explicar a questão sobre a aparente contradição entre as afirmações de que “todos pecaram” (v. 12d) e ao mesmo tempo de que alguns “não pecaram” (v. 14b), e fazendo a distinção entre pecado e transgressão, diz que todos teriam pecado na pessoa e no pecado de Adão; no entanto, nem todos pecaram à maneira da transgressão de Adão, sendo que pecado e transgressão seriam duas realidades distintas. O pecado seria um estado de culpabilidade permanente, a transgressão por sua vez, como ato individual, teria um caráter provisório. Portanto, todos pecaram, não em forma de ato concreto, mas enquanto estão todos no mesmo estado de culpabilidade²⁸³.

Comentando a expressão “o qual é tipo do que devia vir” (v. 14c), e citando Crisóstomo²⁸⁴ indiretamente por meio de Agostinho²⁸⁵, Lutero defende que Adão é a figura de Cristo enquanto foi causa de morte para os seus descendentes, mesmo não tendo estes comido do fruto da árvore, do mesmo modo que Cristo foi para os

²⁷⁹ LUTERO, M. *Comentarios de Martín Lutero - Carta del Apóstol Pablo a los Romanos*, p. 216. Porém, aqui se está, dentro da lógica do discurso paulino, diante de uma possível objeção feita por um interlocutor fictício à afirmação de que antes da Lei existia pecado no mundo (v. 13a), a qual vem respondida em seguida quando o Apóstolo expõe um fato: a morte reinou de Adão até Moisés mesmo sobre aqueles que não pecaram a semelhança de Adão, ou seja, mesmo sobre aqueles que não deixaram de observar um mandamento como Adão (v. 14ab). Cf. MONTAGNINI, F. *Rom 5,12-14 alla luce del dialogo rabbinico*. (RivB sup. 4). Brescia: Paideia, 1971, p. 23; MURPHY-O’CONNOR, J. *Paulo - Biografia Crítica*, p. 337.

²⁸⁰ LUTERO, M. *Comentarios de Martín Lutero - Carta del Apóstol Pablo a los Romanos*, p. 216.

²⁸¹ Cf. *De pecc. merit. et rem.*, I, 9, 9: PL 44, 114.

²⁸² Na verdade trata-se do *Ambrosiaster*, ou, Pseudo-Ambrósio. Cf. *In Ep. ad Rom.* V,12: PL 17, 94ss.

²⁸³ Cf. LUTERO, M. *Comentarios de Martín Lutero - Carta del Apóstol Pablo a los Romanos*, p. 211.

²⁸⁴ Eis o texto original de Crisóstomo: “De fato, Adão é figura de Cristo. Mas de que modo se deve entender que ele é ‘figura’? Deve-se entender no sentido de que do mesmo modo que, não lhe sendo lícito comer da árvore, foi causa de morte para a sua descendência através do alimento por ele ingerido, assim também Cristo para os seus, apesar destes não serem justos, para eles foi o conciliador da justiça, justiça esta que nos chegou por meio da cruz”. *In epist. ad Rom.* X, 1: PG 60, 475.

²⁸⁵ Cf. *Contra Iulianum* 1, 6, 27: PG 44, 659.

seus descendentes o provedor da justiça por meio da sua cruz, mesmo não tendo estes realizado nenhum ato de justiça²⁸⁶. Desse modo, Lutero pode afirmar que

a semelhança da transgressão de Adão se acha também em nós, já que morremos como se tivéssemos pecado de forma semelhante. Também se acha em nós a semelhança da justiça de Cristo, já que vivemos como se tivéssemos cumprido de forma semelhante a ele todas as exigências da Lei²⁸⁷.

Ao explanar sobre o v. 15a onde o Apóstolo diz “Mas não como a transgressão, assim também o dom”, logo após citar mais uma vez Crisóstomo²⁸⁸ através de Agostinho²⁸⁹, diz:

Pois se o pecado, e o pecado deste um só homem (Adão) teve tal poder, como não haveria de ter um poder muito maior ainda a graça de Deus, que é a graça deste um só Homem (Cristo)? Não parece ser isto muito mais razoável? Pois, em verdade, que um seja condenado por causa de outro pouco nos convence. Muito mais apropriado e razoável parece que um seja salvo por causa de outro²⁹⁰.

Ao comentar a afirmação de que “muito mais a graça de Deus e o dom gratuito de um só homem, Jesus Cristo, para os muitos abundou” (v. 15c), diz que o Apóstolo usa os vocábulos “graça” e “dom” como realidades distintas para salientar que a justificação e a graça que se recebe de Deus não se recebe como prêmio pelos méritos, mas “esta graça é um dom que o Pai deu a Cristo para que este o desse aos homens”²⁹¹.

Para comprovar que o pecado não deixou de existir com a chegada da Lei, mais uma vez utilizando a Vulgata, diz ser muito acertado o uso do vocábulo *subintravit* em Rm 5,20 e faz perceber que o Apóstolo na perícopa diz que o pecado “entrou” (*intravit*), enquanto afirma que a Lei “entrou por baixo” (*subintravit*), o que significaria, segundo Lutero, que “depois do pecado entrou também a Lei”, do que decorre que “o pecado que entrou ainda permanece ali e, inclusive, aumentou,

²⁸⁶ Cf. LUTERO, M. *Comentarios de Martín Lutero - Carta del Apóstol Pablo a los Romanos*, p. 218.

²⁸⁷ LUTERO, M. *Comentarios de Martín Lutero - Carta del Apóstol Pablo a los Romanos*, p. 218.

²⁸⁸ Este é o texto de Crisóstomo que Agostinho utiliza em sua obra: “A ti dizem os judeus: de que modo um só Cristo operando retamente, trouxe a salvação do mundo? O mesmo poderias a ele dizer: de que modo um só Adão sendo desobediente trouxe a condenação a todo o orbe? Se bem que o pecado não é igual à graça, nem a morte a vida, nem o diabo a Deus, mas a diferença é imensa”. *In epist. ad Rom. X*, 1: PG 60, 475.

²⁸⁹ Cf. *Contra Iulianum* 1, 6, 27: PG 44, 659.

²⁹⁰ LUTERO, M. *Comentarios de Martín Lutero - Carta del Apóstol Pablo a los Romanos*, p. 219.

²⁹¹ LUTERO, M. *Comentarios de Martín Lutero - Carta del Apóstol Pablo a los Romanos*, p. 219.

sendo que, ao pecado que entrou se seguiu a Lei que o excitou, prescrevendo o que odiava e proibindo o que apetecia”²⁹².

Quanto à continuação do versículo, “para que o pecado abundasse” (v. 20a), Lutero entende que não se está diante de uma frase causal, mas de uma consecutiva. Isto se percebe pela utilização da conjunção *ut* (“para que”) que quer indicar a consequência da Lei, não sua causa final, de modo que a Lei não deve sua existência ao pecado. Desse modo, o sentido do v. 20a no seu todo seria o seguinte:

por meio da transgressão da Lei se chegou ao conhecimento daquele pecado primeiro e original. Por isso a Lei existe por causa da transgressão, não para que se produzisse a transgressão, mas porque a consequência forçosa da implantação da Lei era que por tal transgressão da Lei se chegava ao conhecimento de que a debilidade, a cegueira e a concupiscência são os verdadeiros pecados. (...). Assim a frase afirmativa “a Lei entrou para que o pecado abundasse” não aponta para mais nada a não ser para a frase negativa: a Lei não deu vida, a Lei não tirou o pecado, ou ainda, a Lei não entrou para tirar o pecado nem para dar vida. E então segue necessariamente esta declaração afirmativa: Portanto, a Lei entrou para incrementar o pecado. Isto é bem certo, de modo que o sentido é: a Lei entrou, e logo, sem culpa da Lei e sem que tenha sido a intenção do Legislador, sucedeu que a presença da Lei produziu o incremento do pecado. Porém, chegou-se a isto por causa da concupiscência, a qual não era capaz de cumprir a Lei²⁹³.

E. João Calvino

Entre suas obras encontra-se a *Exposição de Romanos*, na qual, ao iniciar a sua digressão sobre a Rm 5,12-21, afirma ser esta uma ampliação de doutrina do texto precedente, ou seja, da salvação em Cristo, “através da comparação de opostos”²⁹⁴.

Para Calvino, só se poderia ter uma visão do que se possui em Cristo, quando se conhece o que por Adão se perdeu. No entanto, diz que a comparação entre os dois não é de maneira alguma semelhante em todos os aspectos, ocupando-se o Apóstolo de fazer as devidas correções²⁹⁵.

Calvino é contra a afirmação de que todos pecaram em Adão, afirmação essa baseada no fato de Paulo ter dito que o pecado atingiu todos os homens. Por isso, traduz o v. 12d como “porque todos pecaram”²⁹⁶.

²⁹² LUTERO, M. *Comentarios de Martín Lutero - Carta del Apóstol Pablo a los Romanos*, p. 220.

²⁹³ LUTERO, M. *Comentarios de Martín Lutero - Carta del Apóstol Pablo a los Romanos*, pp. 220-221.

²⁹⁴ Cf. CALVINO, J. *Exposição de Romanos*. São Paulo: Paracletos, 1997, p. 186.

²⁹⁵ Cf. CALVINO, J. *Exposição de Romanos*, pp. 186-187.

²⁹⁶ Cf. CALVINO, J. *Exposição de Romanos*, p. 187.

No entanto, pecar para ele é “ser corrupto, viciado. A depravação natural que trazemos do ventre de nossa mãe, embora não produza seus frutos imediatamente, é, não obstante, pecado diante de Deus, e merece a sua punição. Isto é o que se chama pecado original”²⁹⁷.

Com o pecado de Adão, perdendo este os dons da divina graça que Deus tinha concedido a ele e a sua progênie,

também, ao rebelar-se contra o Senhor, inerentemente corrompeu, viciou e arruinou nossa natureza - tendo perdido a imagem de Deus [= *abdicatus a Dei similitudine*], e a única semente que poderia ter produzido era aquela que traz consigo mesmo [= *sui simile*]²⁹⁸.

Logo, segundo a compreensão de Calvino, todos pecaram participando desta corrupção natural, sendo toda a descendência de Adão ímpia e perversa²⁹⁹. Porém, temendo ser entendido como defensor das ideias de Pelágio, sendo que ambos traduzem da mesma forma o v. 12d, diz, tomando o cuidado de não colocar em perigo a causalidade universal do primeiro e do segundo Adão, que “Paulo não está tratando, aqui, com o pecado atual, pois se cada pessoa fosse responsável pela sua própria culpa por que Paulo compara Adão com Cristo? Segue-se, pois, que a alusão, aqui, é à nossa depravação inerente e hereditária”³⁰⁰.

Comentando o v. 13, faz ver que essa depravação hereditária não é, porém, algo de passivo, pois, a existência do pecado antes da Lei não se limita ao fato de que os seres humanos já estivessem “sob a maldição desde o ventre materno”, mas leva em conta “a vida ímpia e réproba” que levavam “antes que a lei fosse promulgada”, de modo que estes “não estavam absolvidos da condenação do pecado, pois houve sempre um Deus a quem a adoração era devida, bem como algumas normas de justiça em existência”³⁰¹.

Logo, essa semente que Adão produziu, ou seja, a sua semelhança em nós³⁰², não fica só como semente, mas produz seus frutos de iniquidade, de modo que Calvino pôde escrever, interpretando o v. 15, que “(...) não é culpa dele (de Adão) se perecemos, como se nós mesmos não fôssemos responsáveis. Paulo, porém, atribui nossa ruína a Adão visto que seu pecado é causa do nosso pecado”³⁰³.

²⁹⁷ CALVINO, J. *Exposição de Romanos*, p. 187.

²⁹⁸ CALVINO, J. *Exposição de Romanos*, p. 187.

²⁹⁹ Cf. CALVINO, J. *Exposição de Romanos*, p. 187.

³⁰⁰ CALVINO, J. *Exposição de Romanos*, p. 188.

³⁰¹ CALVINO, J. *Exposição de Romanos*, p. 188.

³⁰² Cf. CALVINO, J. *Exposição de Romanos*, p. 187.

³⁰³ CALVINO, J. *Exposição de Romanos*, p. 192.

Continuando a sua explanação sobre o v. 15, diz ser a graça o oposto da ofensa, e o dom que procede da graça, o contrário da morte que procede do pecado. “Graça, portanto, significa a perfeita munificência de Deus, ou o seu amor imerecido, do qual ele nos deu uma viva demonstração, em Cristo, a fim de livrar-nos de nossa miséria”³⁰⁴.

O “dom”, por sua vez, na visão de Calvino é o fruto dessa ação salvífica de Deus, “da misericórdia que nos alcançou, ou seja: a reconciliação pela qual obtemos vida e salvação. Ele é também justiça, novidade de vida e muitas outras bênçãos similares”³⁰⁵.

Em seguida faz uma crítica aos escolásticos, os quais afirmariam “que a graça não é outra coisa senão uma qualidade infusa nos corações dos homens”³⁰⁶. Contra essa suposta afirmação dos escolásticos diz que “a graça, propriamente dita, está em Deus, e ela é a causa da graça que está em nós”³⁰⁷.

Deve-se destacar na digressão sobre o v. 17 a compreensão que Calvino tem da salvação operada por Cristo no fiel. Ao contrário do que acontece com o pecado, que, não só é imputado, mas que, de fato, a pessoa humana é culpada “visto que Deus julga a nossa natureza culpada de iniquidade”³⁰⁸, o ser humano é salvo não por tornar-se justo de fato com o auxílio da graça, mas simplesmente “porque possuímos Cristo mesmo, com todas as suas bênçãos, as quais nos foram outorgadas pela liberalidade do Pai”³⁰⁹. Logo, “o dom da justiça não significa uma qualidade com que Deus nos dotou - pois tal conceito seria um grave equívoco - mas consiste naquela graciosa imputação de justiça”³¹⁰.

Ainda no comentário ao v. 17, reaparece o pessimismo agostiniano: “Visto que a maldição oriunda de Adão nos é comunicada pela natureza, não precisamos ficar surpresos com o fato de que ela inclua todo o gênero humano”³¹¹. No entanto,

³⁰⁴ CALVINO, J. *Exposição de Romanos*, p. 193.

³⁰⁵ CALVINO, J. *Exposição de Romanos*, p. 193.

³⁰⁶ CALVINO, J. *Exposição de Romanos*, p. 193.

³⁰⁷ CALVINO, J. *Exposição de Romanos*, p. 193. É interessante o fato de que essa proposição, que Calvino coloca como crítica aos teólogos da escolástica, está quase parafraseando outra do ilustre escolástico Tomás de Aquino: “Ora, o dom da graça excede as faculdades de toda natureza criada, pois a graça não é senão uma participação da natureza divina, que sobrepuja qualquer outra natureza. Por onde, é impossível qualquer criatura causar a graça. E, portanto, necessariamente, só Deus pode deificar, comunicando o consórcio de sua natureza, (...)”. *S. Theol. Ia IIae*, q.112, a. 1, *resp.*

³⁰⁸ CALVINO, J. *Exposição de Romanos*, p. 195.

³⁰⁹ CALVINO, J. *Exposição de Romanos*, p. 195.

³¹⁰ CALVINO, J. *Exposição de Romanos*, p. 195.

³¹¹ CALVINO, J. *Exposição de Romanos*, p. 195.

“o benefício de Cristo não é concedido a todos os homens”³¹², pois, para sair dessa massa condenada, participe da “herança do pecado”, “para desfrutar a justiça de Cristo, é indispensável ser crente, posto que a nossa comunhão com ele é alcançada pela fé”³¹³.

Na doutrina de J. Calvino os filhos dos fiéis, “a quem a promessa é dirigida”, participam dessa comunhão “de maneira peculiar”. “Os demais não se acham de forma alguma isentos da sorte comum [do gênero humano]”³¹⁴.

Percebe-se, portanto, que J. Calvino assume o conceito de pecado original de M. Lutero, introduzindo ao lado deste aquilo que será o distintivo do calvinismo, ou seja, a doutrina da predestinação.

F. O Concílio Tridentino

Rm 5,12 vem citado duas vezes pelo Concílio de Trento no seu “*Decreto sobre o Pecado Original*” promulgado na sua 5ª seção no dia 17 de junho de 1546. No 2º cânon deste Decreto reproduz, quase literalmente, o 2º cânon do Sínodo de Orange³¹⁵. Anatematiza todos os que afirmam que o pecado de Adão prejudicou só a ele, perdendo, portanto, ele somente, e não a sua descendência, a santidade e a justiça recebidas de Deus e transmitindo somente a morte corporal aos seus descendentes, não o pecado que é a morte da alma.

Como fundamento bíblico dessas afirmações cita, como o fez o Sínodo de Orange, Rm 5,12. Eis o cânon:

“Se alguém afirma que a prevaricação de Adão foi nociva só a ele, e não também à sua descendência”, que perdeu só para si e não para nós a santidade e a justiça recebidas de Deus; ou que ele, corrompido pelo pecado da desobediência, transmitiu a todo o gênero humano “só a morte” e a pena “do corpo, e não também o pecado, que é a morte da alma”: seja anátema. “Pois contradiz o Apóstolo que afirma: ‘Por causa de um só homem o pecado entrou no mundo e com o pecado a morte, assim também a morte perpassou todos os homens, no qual todos pecaram’ (Rm 5,12)”³¹⁶.

³¹² CALVINO, J. *Exposição de Romanos*, p. 195.

³¹³ CALVINO, J. *Exposição de Romanos*, p. 196.

³¹⁴ CALVINO, J. *Exposição de Romanos*, p. 196.

³¹⁵ “Se alguém afirma que o pecado de Adão prejudicou só a ele, e não também à sua descendência, ou atesta que certamente só a morte do corpo, que é a pena do pecado, e não o pecado, que é a morte da alma, passou a todo o gênero humano, atribui a Deus uma injustiça contradizendo o Apóstolo que diz: ‘Por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, e assim perpassou a todos os homens, no qual todos pecaram’”. Ds 372.

³¹⁶ Ds 1512.

No 4º cânon procura justificar e fundamentar a praxe do batismo de crianças. Aqui se retoma o cânon 2º do XV Concílio Provincial de Cartago³¹⁷ e, como o fez o Concílio Cartaginês, condena os que negam que as crianças devem ser batizadas:

“Se alguém negar que as crianças devem ser batizadas recém-saídas do útero materno” mesmo se são filhos de pais batizados³¹⁸, “ou então afirmam que as crianças vêm batizadas para a remissão dos pecados, mas que não herdaram de Adão nada do pecado original que seja necessário purificar com o lavacro da regeneração” para conseguir a vida eterna³¹⁹, “e, em consequência, para elas a forma do batismo para a remissão dos pecados não deve ser considerada verdadeira, mas falsa: seja anátema (...)”³²⁰.

Após o “anatema sit”, cita Rm 5,12 como prova escriturística da doutrina defendida. A esse versículo segue a mesma fórmula utilizada em Cartago, a qual diz que a interpretação dada pelo Sínodo, segundo a qual o versículo é uma alusão ao pecado original, é a única que sempre se deu a esse versículo em todo o orbe católico:

De fato o que o Apóstolo disse: “Por causa de um só homem o pecado entrou no mundo e com o pecado a morte, assim também a morte perpassou todos os homens, no qual todos pecaram” (Rm 5,12), deve ser entendido no sentido no qual a Igreja católica difundida por toda parte sempre interpretou³²¹.

No entanto, deve-se chamar a atenção para o fato de que o Concílio Tridentino não condena formalmente aqueles que afirmam que Paulo em Rm 5,12 não fala de pecado original, razão pela qual nos dois decretos o versículo e as afirmações a seu respeito vêm colocados somente após o “anatema sit”³²².

³¹⁷ “Igualmente foi decidido: Quem negar que se devam batizar as crianças recém-nascidas, ou diz que são batizadas para remissão dos pecados, mas nada trazem do pecado original de Adão que o banho da regeneração deveria expiar – de onde segue que no caso delas a forma do batismo “para remissão dos pecados” é compreendida não como verdadeira, mas como falsa: seja anátema. De fato, não se pode compreender diversamente quando diz o Apóstolo: ‘Por um só homem entrou o pecado no mundo e pelo pecado a morte, e assim perpassou todos os homens, no qual todos pecaram’, senão no sentido no qual a igreja católica, difundida por toda parte, sempre compreendeu”. Ds 223.

³¹⁸ Este é um acréscimo de Trento.

³¹⁹ Também “para conseguir a vida eterna” é um acréscimo do Concílio Tridentino.

³²⁰ Ds 1514.

³²¹ Ds 1514.

³²² Cf. LYONNET, S. *La Storia della Salvezza nella Lettera ai Romani*, pp. 65-66.

2.2.6.1.3.

Exegese recente³²³

A. Marie-Joseph Lagrange

Nos anos que seguem ao Concílio de Trento o estudo da Sagrada Escritura, pela ênfase que se dá nesse momento ao Magistério e à Tradição numa atitude de reação contra o *Sola Scriptura* de Lutero, passa quase como que por um período de hibernação.

As discussões se movem em torno dos problemas tratados no Concílio Tridentino e há um retorno a Tomás de Aquino. No que se refere ao estudo bíblico, se limita ao aprofundamento de temas como a inspiração e a defesa do cânon definido pelo Concílio³²⁴.

Essa situação se acentua a partir da segunda metade do século XVI, podendo-se falar nesse período até mesmo de um “vazio de pesquisa e de autêntica reflexão teológica”³²⁵.

Tal conjuntura começa a mudar na metade do século XIX quando se volta a dar à Sagrada Escritura o seu devido lugar no âmbito da Revelação. No entanto, mantém-se o tom controversial e acentua-se a autoridade da Igreja no que se refere à interpretação da Escritura como reação ao protestantismo liberal³²⁶.

Nesse contexto surge um dos grandes pioneiros do estudo bíblico em campo católico, o Pe. Marie-Joseph Lagrange, OP (1855-1938)³²⁷, o qual funda em 1890

³²³ Autores como R. Penna, J.-N. Aletti, entre outros expoentes da exegese de Romanos, pela sua importância no estudo de Rm 5,12-21 na atualidade, têm o seu pensamento apresentado em outras partes do trabalho por serem utilizados como referencial teórico; por isso não foram inseridos na aplicação do critério de validação das alusões da “História da Interpretação” que simplesmente quer constatar se os leitores de Rm 5,12-21 foram capazes de perceber todos os efeitos de sentido pretendidos por Paulo ao utilizar as alusões a Isaías no seu escrito.

³²⁴ Cf. MARTINI, C. M. - PACOMIO, L. (org.). *I Libri di Dio - Introduzione Generale alla Sacra Scrittura*, Torino: Marietti, 1975, p. 159.

³²⁵ LATOURELLE, R. *Teologia da Revelação*, São Paulo: Paulinas, 1973, p. 218.

³²⁶ Cf. MARTINI, C. M. - PACOMIO, L. (org.), *I Libri di Dio - Introduzione Generale alla Sacra Scrittura*, pp. 167-169.

³²⁷ Em uma carta ao Pe. Giovanni Genocchi, MSC, biblista italiano, mostra que tem claro diante de si o caminho que a Igreja deve percorrer no campo dos estudos bíblicos: “O único remédio é o estudo, e ainda o estudo é o meio de fazer compreender pouco a pouco que nós não temos mais nada a esconder, nem a ensinar aos inimigos da Igreja, e que a Igreja não pode reconquistar a estima e o respeito em matéria de estudos a não ser praticando os métodos sérios com sinceridade. Todo o resto é infantilismo. Mas o mal da ignorância é precisamente ignorar que se ignora, de sorte que não se conhece nem mesmo a extensão das lacunas a preencher”. Carta de Lagrange a Genocchi, 16.07.1905. Arquivo da Província Italiana dos Missionários do Sagrado Coração de Jesus - Roma

a *École pratique des études bibliques*, atual *École biblique et archéologique française*, em Jerusalém e a *Revue Biblique* no ano de 1892³²⁸.

Dentre tantas contribuições que deu ao desenvolvimento da exegese católica, encontram-se inúmeros comentários à Sagrada Escritura, entre os quais um à Carta aos Romanos.

Ao iniciar seu comentário à perícopie em questão, trata da relação desta com a que lhe precede (Rm 5,1-11). Diz que, mesmo se o $\delta\iota\acute{\alpha}$ $\tau\omicron\upsilon\tau\omicron$ do v. 12a recebeu na história da exegese as interpretações mais sutis, trata-se apenas de uma simples ligação entre as perícopes, que visa uma transição mais literária, sendo os dois textos considerações independentes³²⁹.

Chama a atenção para a interrupção do pensamento do v. 12. Segundo Lagrange, Paulo é tão tomado pelo contraste das duas partes, favorável à graça, a ponto de nem sonhar em terminar a frase que desembocaria numa igualdade perfeita entre os membros³³⁰.

No entanto, retomando a “solução precisa” de Orígenes, assim como fizeram outros, completa o pensamento: “assim por um só homem a justiça entrou no mundo, e pela justiça a vida, de modo tal que a vida perpassou a todos os homens”³³¹.

O termo η $\acute{\alpha}\mu\alpha\rho\tau\iota\acute{\alpha}$ é entendido por ele, nesse contexto, como sendo o pecado original, “mesmo se significa sempre o pecado, sem distinção de original ou atual, como uma força inimiga de Deus”³³². “E este pecado entrou no mundo, ou seja, na consciência das pessoas, sendo que só esta é capaz de ser infectada, pela ação de um só homem”³³³. A pena pelo pecado é a morte e, assim como o pecado, com ele, a morte também entrou no mundo, se expandindo como uma herança que passa de pai para filho³³⁴.

Quanto ao $\acute{\epsilon}\phi'$ $\omega\grave{\iota}$, na compreensão de Lagrange, ainda que se traduzisse em latim por *in quo*, deve-se entender, como o faz Caetano, no sentido de *in eo quod*,

cit. por TURVASI, F. *Giovanni Genocchi e la Controversia Modernista*, Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1974, p. 117.

³²⁸ Cf. TURVASI, F. *Giovanni Genocchi e la Controversia Modernista*, p. 36.

³²⁹ Cf. LAGRANGE, M.-J. *Épître aux romains*, Paris: J. Gabalda et Cie. Éditeurs, 1950, p. 105.

³³⁰ Cf. LAGRANGE, M.-J. *Épître aux romains*, p. 105.

³³¹ LAGRANGE, M.-J. *Épître aux romains*, p. 105.

³³² LAGRANGE, M.-J. *Épître aux romains*, p. 105.

³³³ LAGRANGE, M.-J. *Épître aux romains*, pp. 105-106.

³³⁴ Cf. LAGRANGE, M.-J. *Épître aux romains*, p. 106.

como se faz com o mesmo termo em Fl 3,12 e Rm 8,3. Caetano seria o primeiro teólogo escolástico a tentar harmonizar neste versículo o latim e o grego³³⁵.

Seja como for, para o biblista francês, “em grego ἐπί não é um sinônimo de *in*, ‘no’, e ἐφ’ ᾧ não pode significar ‘no qual’, mas somente ‘porque’”³³⁶. Segundo ele a afirmação do Concílio de Trento a respeito de Rm 5,12, se aplica ao pensamento de Paulo em todo o versículo, não ao sentido de *in quo*³³⁷.

Para Lagrange, na fórmula “porque todos pecaram” está contida a doutrina do pecado original, se se toma em consideração a explicação dada por Paulo em todo o versículo, sendo que “a palavra ἡμαρτον no tempo histórico (aoristo), parece mais indicar um ato único ao qual todos tomaram parte coletivamente que uma sucessão de atos individuais”³³⁸.

Para Lagrange a ideia do Apóstolo vai mais além daquela do Apocalipse Siríaco de Baruc 54,15. Nesse escrito

o autor pretende que o pecado de Adão não seja um verdadeiro pecado nos seus descendentes; é pelo pecado atual ou pelo mérito de cada um que se decide seus destinos imortais. E, no entanto, ele não ousa dizer que a morte é o castigo pelos pecados atuais. Ela não depende senão do pecado de Adão. Paulo vai mais longe: Pela ação de Adão, todos pecaram: é essa afirmação que se demonstra a seguir³³⁹.

Logo, o v. 12d, para ser coerente com a argumentação dos versículos seguintes, deve ser entendido do seguinte modo: porque (em Adão) todos pecaram³⁴⁰.

Iniciando a explanação sobre o v. 15, afirma que a proposição geral do v. 14c de que Adão é a figura de Cristo, não pode ser entendida como uma semelhança perfeita entre os dois, “pois pode haver entre eles semelhança e oposição, e, mesmo no caso de semelhança, pode haver superioridade de um lado”³⁴¹.

Sendo assim, o v. 15 busca imediatamente destacar a superioridade de Cristo no que se refere ao “ponto de propagação”. Esta oposição é marcada por ἀλλὰ (“porém”). Segundo a interpretação de Lagrange, o versículo deve ser entendido do seguinte modo: porém, se de um lado pela transgressão de um só homem, pela qual entrou a morte vitoriosamente no mundo e atingiu todos os homens (segundo

³³⁵ Cf. LAGRANGE, M.-J. *Épître aux romains*, p. 106.

³³⁶ Cf. LAGRANGE, M.-J. *Épître aux romains*, p. 106.

³³⁷ LAGRANGE, M.-J. *Épître aux romains*, p. 106.

³³⁸ LAGRANGE, M.-J. *Épître aux romains*, p. 106.

³³⁹ LAGRANGE, M.-J. *Épître aux romains*, p. 107.

³⁴⁰ LAGRANGE, M.-J. *Épître aux romains*, p. 107.

³⁴¹ LAGRANGE, M.-J. *Épître aux romains*, p. 108.

Lagrange a palavra οἱ πολλοί, ou seja, “os muitos” corresponde ao πάντας do v. 18, que quer dizer “todos”), quanto mais deve ser verdade que a graça, a qual vem da benevolência de Deus por meio de Jesus Cristo, pois esta graça é a de Cristo, abundou sobre todos³⁴².

Na explanação sobre o v. 18 explica melhor em que consiste a obra redentora. A ação de Cristo, por sua justiça, que corresponde à palavra obediência do versículo seguinte, “se opôs ao pecado original, enquanto este trazia consigo o castigo, e conduziu a humanidade à justificação da vida, ou seja, à vida, ou antes, a quem causa a vida, o que não se pode chamar de simples sentença de absolvição”³⁴³.

Ao entrar no v. 19, diz que a expressão “foram constituídos pecadores”, é uma clara referência ao pecado original, “pois καθιστάναι, ‘instituir, constituir, estabelecer’ indica mais que uma apreciação jurídica”, ou seja, os descendentes de Adão são de fato pecadores³⁴⁴.

Quanto à expressão “serão constituídos justos”, quando se passa a falar da justificação pela obediência de Cristo, não seria uma referência ao julgamento final, “pois Paulo em toda esta passagem considera a justificação como atual”, mas quer dizer que “a fonte da justificação que está no Cristo estará ainda aberta para os numerosos fiéis além daqueles que já a receberam”³⁴⁵.

Finalmente, chegando ao v. 21, destaca que a morte, pela qual reinou o pecado e do qual é consequência, é morte tanto corporal como espiritual. Por sua vez, “o pecado, personificado como um monarca, de que se fala aqui, é mais que a transgressão isolada que se opôs a Cristo; ele se opõe à graça. A graça reina desde agora por meio da justiça, preparando a vida eterna”³⁴⁶.

B. Stanislaw Lyonnet

S. Lyonnet, como outros autores que estudaram o paralelismo antitético Adão-Cristo em Rm 5,12-21, centraliza a sua atenção no v. 12 e na discussão sobre

³⁴² Cf. LAGRANGE, M.-J. *Épître aux romains*, p. 108.

³⁴³ LAGRANGE, M.-J. *Épître aux romains*, p. 111.

³⁴⁴ Cf. LAGRANGE, M.-J. *Épître aux romains*, p. 112.

³⁴⁵ LAGRANGE, M.-J. *Épître aux romains*, p. 112.

³⁴⁶ LAGRANGE, M.-J. *Épître aux romains*, p. 113.

se na última parte desse versículo tem-se uma referência à “queda” de Gn 3 e às suas consequências para humanidade ou aos pecados pessoais³⁴⁷.

O autor na obra que trata de modo mais abrangente deste assunto, *La Storia della Salvezza nella Lettera ai Romani*, chama a atenção para o fato de que Rm 5,12 “sempre teve um papel considerável na controvérsia em torno do dogma do pecado original”, além do que faz perceber que o Concílio de Trento usou duas vezes o versículo contra os erros de Pelágio, dos quais, no seu contexto, era acusado Erasmo de Roterdã³⁴⁸.

Ainda que Trento não tenha condenado formalmente quem nega que em Rm 5 Paulo se refere ao pecado original e ainda que nos dois decretos tenha colocado Rm 5,12 como prova escriturística após o “anatema sit”³⁴⁹, “sempre pensou que um exegeta católico certamente não tinha o direito de propor da passagem em questão uma interpretação segundo a qual São Paulo aí não falasse do pecado original”³⁵⁰.

S. Lyonnet concorda com Trento, a partir do momento que a exclusão de qualquer referência ao pecado original no v. 12 seria contrária ao pensamento paulino, pois excluiria a causalidade universal adâmica à qual o Apóstolo pretende em toda a perícopos opor a causalidade de Cristo³⁵¹. Além disso, chama a atenção para o fato de que quando Trento afirma que Rm 5,12 deveria ser entendido “como a Igreja Católica em toda a parte difusa sempre o entendeu”, estava recorrendo ao Concílio de Cartago, o qual foi aprovado pelo Papa Zózimo³⁵².

Com isso o Concílio Tridentino busca responder às asserções de Erasmo de Roterdã, às quais S. Lyonnet considera importante conhecer para uma correta compreensão do decreto conciliar.

É com Erasmo de Roterdã que se começa no Ocidente a distanciar da tradução do ἐφ’ ᾧ πάντες ἥμαρτον de Rm 5,12d como “in quo omnes peccaverunt” (“no qual todos pecaram”), ao traduzi-lo como “quatenus nos omnes peccavimus” (“porque nós todos pecamos”), tradução esta que vem explicada inequivocamente

³⁴⁷ Cf. LYONNET, S. *Le péché originel en Rom 5,12: L'exégèse des pères grecs et les décrets du Concile de Trente*. Bib 41 (1960) 325-355; LYONNET, S. *Le péché originel et l'exégèse de Rom, 5, 12-14*. RSR 44 (1956) 63-84; LYONNET, S. *Le sens de ἐφ’ ᾧ en Rom 5, 12 et l'exégèse des Pères grecs*. Bib 36 (1955) 436-456.

³⁴⁸ Cf. LYONNET, S. *La Storia della Salvezza nella Lettera ai Romani*, p. 65.

³⁴⁹ Cf. LYONNET, S. *La Storia della Salvezza nella Lettera ai Romani*, pp. 65-66.

³⁵⁰ LYONNET, S. *La Storia della Salvezza nella Lettera ai Romani*, p. 66.

³⁵¹ Cf. LYONNET, S. *La Storia della Salvezza nella Lettera ai Romani*, p. 66.

³⁵² Cf. LYONNET, S. *La Storia della Salvezza nella Lettera ai Romani*, p. 66.

na obra *Paraphases in universum Novum Testamentum*: “dum nemo non imitatur primi parentis exemplum” (“enquanto ninguém deixa de imitar o exemplo do primeiro pai”)³⁵³.

Tal tradução vem justificada nas suas “*Annotationes in Novum Testamentum*”. Nesta obra, àqueles que o acusavam de pelagianismo responde que detestava essa heresia tanto quanto eles; no entanto, para ele, a Igreja tinha outros argumentos mais eficazes contra Pelágio. Segundo Erasmo seria um erro apelar a este versículo passível de tantas interpretações. Outro erro seria ter-se preferido a interpretação de Agostinho, a qual não seria a mais correta³⁵⁴.

Em todo caso, segundo Erasmo, não se poderia pretender que todos os Padres do Ocidente e do Oriente tivessem compreendido esta passagem como uma prova do pecado original. Para defender essa sua tese cita longos textos de Orígenes, Crisóstomo, Teofilato e de muitos outros Padres e Escritores Eclesiásticos gregos³⁵⁵.

Para Erasmo, de fato, é doutrina de toda a Igreja católica que os descendentes de Adão, em virtude do pecado do seu pai, nascem submetidos ao castigo, no entanto, para ele, em nenhuma parte a Igreja declararia que a única possibilidade de compreensão de Rm 5,12 seria como uma referência ao pecado original. O único argumento contra esta sua afirmação seria o decreto de um “Concílio africano”, o qual para ele seria o de Milevi, como, de fato, era a opinião comum naquela época, mas que na verdade foi o de XV Concílio de Cartago³⁵⁶, o qual proibiu interpretar o citado versículo de outro modo. Porém, para Erasmo, este é apenas um Concílio provincial, sem nenhum vínculo para a Igreja católica³⁵⁷.

No entanto, segundo S. Lyonnet, Erasmo e seus seguidores se equivocam em colocar toda a sua atenção em ἐφ’ ᾧ πάντες ἥμαρτον, traduzido pela Vulgata como “in quo omnes peccaverunt”. Outro engano que teriam cometido teria sido o de perguntar-se se Paulo neste versículo faz referência aos pecados pessoais ou àquele original. Além disso, assim como a maior parte dos Padres gregos, e alguns latinos, comentando os vv. 13-14, mas também o v. 12, falam dos pecados pessoais, Erasmo e seus seguidores teriam concluindo falsamente que nesta passagem Paulo

³⁵³ Cf. LYONNET, S. *La Storia della Salvezza nella Lettera ai Romani*, p. 67.

³⁵⁴ Cf. LYONNET, S. *La Storia della Salvezza nella Lettera ai Romani*, p. 67.

³⁵⁵ Cf. LYONNET, S. *La Storia della Salvezza nella Lettera ai Romani*, p. 67.

³⁵⁶ Foi citado quando se tratou do Concílio de Trento.

³⁵⁷ Cf. LYONNET, S. *La Storia della Salvezza nella Lettera ai Romani*, pp. 67-68.

não mencionava o pecado original, e, partindo desse erro, teriam afirmado ser equivocada a declaração a respeito de que a Igreja católica sempre e em toda parte ensinou que em Rm 5,12 está contida a tal doutrina³⁵⁸.

Todavia, destaca S. Lyonnet, o Concílio Tridentino nunca afirmou que a Igreja católica tenha sempre visto a afirmação do dogma do pecado original “só nas três últimas palavras deste versículo que teve o cuidado de citar duas vezes”, nem que os gregos sempre fizeram destas últimas palavras a mesma exegese dos latinos. “Este somente entendeu dizer que uns e outros deduziam das observações de São Paulo neste versículo 12 uma mesma doutrina”³⁵⁹.

Para o autor o ponto de convergência entre gregos e latinos na exegese de Rm 5,12 de que fala o Concílio de Trento não estaria, de fato, na interpretação de ἐφ’ ᾧ πάντες ἥμαρτον como um todo, mas naquela de ἥμαρτον.

Segundo S. Lyonnet, seria legítimo abandonar a tradução latina do ἐφ’ ᾧ, contudo, tal abandono teria uma condição, ou seja, conservar a interpretação que os latinos fizeram do verbo ἥμαρτον.

Assim acreditaram, sem alguma dúvida, a quase totalidade dos exegetas e dos teólogos que adotaram a tradução “porque”; esta não pareceu “ortodoxa” a não ser sob a condição de encontrar a afirmação do pecado original não somente no versículo 12, inteiramente considerado, mas no verbo “pecaram”, excluindo precisamente do pensamento do Apóstolo qualquer alusão aos pecados pessoais³⁶⁰.

Por isso, segundo o pensamento de Erasmo, aqueles entre os gregos que fazem referência aos pecados pessoais ao comentar esse versículo, como é o caso de Cirilo de Alexandria e da maior parte dos outros, pareceriam, por isso mesmo, excluir toda alusão ao pecado original neste texto³⁶¹. Em resposta Lyonnet afirma:

Todavia, se não se contenta de uma exegese superficial, é precisamente a exegese representada por Cirilo de Alexandria e o conjunto dos gregos, - não obstante estes interpretem ἥμαρτον por pecados pessoais dos filhos de Adão, ou melhor, falem de uma “imitação” dos pecados de Adão - que exprime a doutrina mais seguramente conforme ao ensinamento tradicional do pecado original, assim como foi codificado nos dois decretos do Concílio de Trento que citam os versículos paulinos³⁶².

De fato, destaca S. Lyonnet, no que tange ao ἥμαρτον do v. 12, Cirilo não fala somente dos pecados pessoais dos adultos, fala também de uma “imitação” do

³⁵⁸ Cf. LYONNET, S. *La Storia della Salvezza nella Lettera ai Romani*, p. 72.

³⁵⁹ Cf. LYONNET, S. *La Storia della Salvezza nella Lettera ai Romani*, p. 72.

³⁶⁰ LYONNET, S. *La Storia della Salvezza nella Lettera ai Romani*, pp. 76-77.

³⁶¹ Cf. LYONNET, S. *La Storia della Salvezza nella Lettera ai Romani*, p. 77.

³⁶² Cf. LYONNET, S. *La Storia della Salvezza nella Lettera ai Romani*, p. 77.

pecado de Adão, mas sem cair no pelagianismo: “Como nós nos tornamos imitadores da transgressão de Adão, à medida que todos pecaram, fomos condenados a uma pena semelhante à sua”³⁶³. No entanto, ao contrário de Pelágio, para quem a imitação que os pecadores fazem de Adão pode ser comparada àquele de um artista que tenta copiar um modelo, para Cirilo esta imitação se dá da maneira como uma criança reproduz por instinto os gestos do seu pai. No que se refere ao artista a dependência se reduz à imitação, quanto ao filho que imita o pai

esta mesma imitação não é senão a consequência de uma dependência infinitamente mais profunda, precisamente uma dependência que vem da própria natureza. Por causa da “doença que contraiu a natureza humana”, depois do pecado de Adão, os filhos de Adão, na medida em que se tornam capazes de atos livres, cometem pecados pessoais, que são uma “imitação” do pecado do seu primeiro pai³⁶⁴.

Sendo assim, S. Lyonnet afirma, depois de concluir a exposição e comparação acurada de outros aspectos da exegese de Cirilo e dos outros gregos com os decretos tridentinos, que, mesmo tendo em mira o caso dos adultos, a exegese grega de Rm 5,12 não se opõe às conclusões do Concílio Tridentino referentes ao pecado original, opondo-se sim à doutrina de Pelágio³⁶⁵.

Por outro lado, lembra, não se deve esquecer que a aproximação que os gregos fazem do pecado original em função daqueles pessoais dos adultos, será retomada por Santo Tomás de Aquino no contexto da sua exposição sobre os pecados atuais, na qual trata do pecado original como uma das causas destes pecados³⁶⁶. O Doutor Angélico chega a falar até mesmo de “peccata originalia” (“pecados originais”), enquanto o pecado original, sendo sua origem, conteria virtualmente os pecados pessoais, mantendo, no entanto, a distinção entre pecado original e pessoal³⁶⁷.

A partir de tudo o que foi explanado, S. Lyonnet afirma que Erasmo de Roterdã estava equivocado ao dizer que a Igreja pudesse ter armas mais eficazes contra o pelagianismo que Rm 5,12 e ao mesmo tempo afirma a exatidão dos Padres de Trento ao utilizar contra Erasmo a interpretação constante deste versículo dada

³⁶³ *In epist. S. Pauli*, V, 12: PG 74, 783b.

³⁶⁴ LYONNET, S. *La Storia della Salvezza nella Lettera ai Romani*, p. 85.

³⁶⁵ Cf. LYONNET, S. *La Storia della Salvezza nella Lettera ai Romani*, p. 92.

³⁶⁶ Cf. LYONNET, S. *La Storia della Salvezza nella Lettera ai Romani*, pp. 92-93; *S. Th. Ia IIae*, q. 81-83.

³⁶⁷ Cf. LYONNET, S. *La Storia della Salvezza nella Lettera ai Romani*, pp. 93-94; *S. Th. Ia IIae*, q. 82, a. 2, ad 1.

pela Igreja latina e a grega, “as duas testemunhas principais da única tradição católica”³⁶⁸.

C. Lucien Cerfaux

No seu trabalho sobre a Cristologia paulina *Cristo na Teologia de Paulo* encontra-se um comentário sobre o paralelismo Adão-Cristo na Carta aos Romanos.

Para L. Cerfaux este paralelismo se iniciaria em Rm 5,10-11 e encontra o ponto de ligação entre estes versículos e o v. 12 na expressão διὰ τοῦτο, “por isso”: para que a humanidade fosse salva através da morte e vida de Cristo, foi necessário que o pecado seguisse o mesmo caminho, ou seja, que tivesse sido toda ela afetada por um só³⁶⁹.

Segundo L. Cerfaux, em primeiro lugar está o plano divino de salvação em Cristo. Uma vez que este plano tem como intenção atingir toda a humanidade, o pecado de Adão vem como “por necessidade” para que um só homem fosse a raiz do pecado e este se estendesse, por meio de um só, a toda a humanidade. “Assim haveria concordância perfeita no plano divino entre queda e salvação”³⁷⁰

L. Cerfaux aponta para a possibilidade de que a apódose de καὶ οὕτως, “do mesmo modo” do v. 12 se inicie com ὡςπερ, “assim”. O paralelismo estaria assim constituído: “Por necessidade (διὰ τοῦτο), do mesmo modo que o pecado - e pelo pecado a morte, - entrou no mundo por um só homem, assim também a morte se estendeu a todos os homens partindo daquele por quem todos pecaram”³⁷¹.

Quanto ao polêmico ἐφ’ ᾧ de Rm 5,12 o autor diz achar-se constrangido a dar razão à Vulgata quando o traduz por “in quo”, mesmo reconhecendo que gramaticalmente não é uma tradução correta. No entanto, este, tendo em vista o contexto que visa destacar a causalidade de Adão e de Cristo na difusão do pecado e na propagação da vida respectivamente, descarta a possibilidade de o traduzir como “porque”: “Não está em causa que todos sejam pecadores, mas que seu pecado se origina em Adão”³⁷².

³⁶⁸ Cf. LYONNET, S. *La Storia della Salvezza nella Lettera ai Romani*, pp. 94-95.

³⁶⁹ Cf. CERFAUX, L. *Cristo na Teologia de Paulo*. São Paulo: Paulinas, 1977, p. 176.

³⁷⁰ CERFAUX, L. *Cristo na Teologia de Paulo*, p. 176.

³⁷¹ CERFAUX, L. *Cristo na Teologia de Paulo*, p. 177.

³⁷² CERFAUX, L. *Cristo na Teologia de Paulo*, p. 177.

A opção de tradução que apresenta para ἐφ' ᾧ é “por causa daquele por quem”. Mas, segundo L. Cerfaux, são exageradas todas as prevenções contra a tradução da Vulgata que começaram com Erasmo, pois “a tradução in quo apresenta a vantagem incontestável de sublinhar a relação entre o pecado de Adão e o de todos os homens, que é precisamente o gongo de toda a explanação”³⁷³.

Logo após, esclarece o que entende por pecado: “Compreendemos aqui, por pecado, este estado de pecado que chamamos pecado original. É uma realidade quase material que se acha no mundo e afeta todos os homens”³⁷⁴. Vê nesta compreensão a única compatível com a afirmação do v. 13, o qual diz que mesmo não sendo imputados os pecados pessoais enquanto não havia Lei, a morte, consequência do pecado, reinou deste Adão até Moisés³⁷⁵.

Mesmo que Adão seja a figura daquele que deveria vir (cf. Rm 5,14), não existe equivalência entre o tipo e aquele que este representa, sendo que “há, pois, no ponto de partida da economia da queda uma só falta”, enquanto que “há abundância de pecados no ponto de partida da justificação, de modo que a graça superabunda”³⁷⁶.

A solidariedade de todos com Adão provém de “uma causalidade por desobediência”³⁷⁷, ao passo que “para a questão da solidariedade que nos une a Cristo, não há outra razão a não ser a vontade divina, o plano divino”³⁷⁸.

D. Pierre Grelot

P. Grelot em 1994 publica na *Nouvelle Revue Théologique* um artigo intitulado *Pour une lecture de Romains 5,12-21*, no qual busca uma compreensão mais adequada deste texto utilizado quase unicamente para a defesa da doutrina do pecado original³⁷⁹. Para ele a função primordial da perícopes está em “exaltar a graça redentora de Cristo”³⁸⁰. Isto fica claro pelo contexto anterior, o qual fala da justificação, que coloca a humanidade “em paz com Deus por nosso Senhor Jesus

³⁷³ CERFAUX, L. *Cristo na Teologia de Paulo*, p. 178.

³⁷⁴ CERFAUX, L. *Cristo na Teologia de Paulo*, p. 178.

³⁷⁵ Cf. CERFAUX, L. *Cristo na Teologia de Paulo*, p. 178.

³⁷⁶ CERFAUX, L. *Cristo na Teologia de Paulo*, p. 179.

³⁷⁷ Cf. CERFAUX, L. *Cristo na Teologia de Paulo*, p. 180.

³⁷⁸ CERFAUX, L. *Cristo na Teologia de Paulo*, p. 179.

³⁷⁹ Cf. GRELOT, P. *Pour une lecture de Romains 5,12-21*. *NRT* 116 (1994) 496.

³⁸⁰ GRELOT, P. *Pour une lecture de Romains 5,12-21*, p. 496.

Cristo (Rm 5,1)”³⁸¹. A passagem que começa com Rm 5,12 seria para uma conclusão do que até então foi dito, e prova disto seria o uso do διὰ τοῦτο que traduz como “eis porque”³⁸².

Para P. Grelot a perícopé está dividida em duas seções: “uma que apresenta o reino do Pecado e da Morte sobre a humanidade (vv. 12-14); a outra mostra a passagem desta situação à salvação concedida pela graça”³⁸³.

Na primeira seção encontrou dois problemas de tradução. O primeiro seria o καὶ οὕτως do v. 12c³⁸⁴, o qual traduz-se costumeiramente como “e assim”. Mas, para o autor esta tradução deixaria a frase incompleta.

Como opção apresenta duas soluções possíveis: a primeira seria aquela dada por L. Cerfaux, a qual estabelece uma equivalência entre καὶ οὕτως e οὕτως καὶ que se encontrará mais adiante na perícopé: “assim também”, a segunda opção seria ver no καὶ uma simples partícula que introduz a apódose, como seguidamente acontece com o ׀ nas línguas hebraica e aramaica³⁸⁵.

O segundo problema de tradução seria o ἐφ’ ᾧ πάντες ἥμαρτον. O autor apresenta a tradução de Agostinho e a da Vulgata, e opta pela tradução da Vulgata revisada, ou seja, “eo quod omnes peccaverunt”. Mas, ao traduzir do latim ainda restam duas possibilidades de interpretação: “é necessário entender a locução conjuntiva no sentido causal (Lyonnet) ou em sentido consecutivo (Fitzmyer): ‘porque todos pecaram’ ou ‘de sorte que todos pecaram?’”³⁸⁶. No entanto, Grelot escolhe uma tradução, segundo ele, “bastante neutra: ‘visto que todos pecaram’. Todos pecaram: isto é um fato, se constata”³⁸⁷. A partir disto pode-se compreender então o versículo: “No ponto de partida (A): por um só homem (a), o pecado (b) e a morte (c). Como consequência (B), para todos os homens (a’), a morte (c’) por causa do pecado (b’)”³⁸⁸.

Porém, surge um problema nos versículos 13 e 14: a morte, consequência do pecado, mesmo quando este não era imputado, não existindo uma lei, reinou no

³⁸¹ GRELOT, P. *Pour une lecture de Romains 5,12-21*, p. 496.

³⁸² GRELOT, P. *Pour une lecture de Romains 5,12-21*, p. 497.

³⁸³ GRELOT, P. *Pour une lecture de Romains 5,12-21*, p. 497.

³⁸⁴ O autor divide o presente versículo em duas partes somente, por isso, o que no presente trabalho chama-se 12c Grelot denomina-se 12b.

³⁸⁵ GRELOT, P. *Pour une lecture de Romains 5,12-21*, p. 498.

³⁸⁶ GRELOT, P. *Pour une lecture de Romains 5,12-21*, p. 499.

³⁸⁷ GRELOT, P. *Pour une lecture de Romains 5,12-21*, p. 499.

³⁸⁸ GRELOT, P. *Pour une lecture de Romains 5,12-21*, p. 499.

mundo. No entanto, o pecado personificado estava no mundo (12a), e disto seguiu que “todos pecaram” (12d). “E por isso, como sinal deste reino do Pecado sobre o mundo e desta universalidade do pecado em todos os homens, ‘a Morte reinou desde Adão até Moisés’”³⁸⁹.

P. Grelot chama o pecado de Adão de “pecado originário”. Só a referência a este “pecado originário”, diante da dificuldade sobre a origem do pecado personificado e da morte, pode fornecer uma explicação ao problema antes colocado. Porém, o “como” o pecado de um só pode ocasionar tudo isto resta um mistério³⁹⁰.

Como resultado deste “pecado originário” e dos pecados que o seguiram, tem-se uma situação que caracteriza a relação da pessoa humana com Deus, quando esta nasce no seio de uma raça pecadora. “É como um Poder obscuro que pesa sobre os homens e que traz consequências para a vida psicológica, sob a forma de atração para o mal. Para caracterizar esta situação Agostinho inventou a palavra ‘pecado original’”³⁹¹.

A segunda seção tem como objetivo destacar a ação de Cristo e dos efeitos da graça através de um paralelismo antitético que os opõe àqueles do pecado do primeiro Adão, sendo, porém, que os efeitos da graça ultrapassam superabundantemente os do pecado no mundo. “O ‘paralelismo dos dois Adão’ não passa, portanto, de uma comparação manca”. Isto vem sublinhado pelas expressões que se utiliza no texto, principalmente nos vv. 16 e 17. Existem paralelismos simples como nos vv. 18, 19 e 21, “mas a diferença entre o que segue o ato de Adão e o ato de Cristo, indicada nos vv. 15 e 16, é sublinhada pelas comparações que lhes seguem imediatamente: ‘se de fato..., quanto mais...!’ (grego: *ei gar..., polloi mallon...; latim: si enim..., multo magis...*: vv. 15b e 17)”³⁹².

De fato, para, P. Grelot, o objetivo principal de Rm 5,12-21 é destacar a redenção operada por Cristo. Adverte que o texto está emoldurado por duas menções explícitas a Ele, uma no v. 5,11 e outra em 5,21³⁹³. “A menção a Adão, iniciador de um mundo de morte e de pecado, não é senão para colocar em

³⁸⁹ GRELOT, P. *Pour une lecture de Romains 5,12-21*, p. 499.

³⁹⁰ Cf. GRELOT, P. *Pour une lecture de Romains 5,12-21*, pp. 500-501.

³⁹¹ GRELOT, P. *Pour une lecture de Romains 5,12-21*, p. 503.

³⁹² GRELOT, P. *Pour une lecture de Romains 5,12-21*, p. 500.

³⁹³ GRELOT, P. *Pour une lecture de Romains 5,12-21*, p. 501.

evidência, por contraste, a necessidade de uma ‘reconciliação’ com Deus, que Cristo precisamente operou (5,11)”³⁹⁴.

E finalizando, segundo. P. Grelot, a partir desta análise literária que manifesta o desenvolvimento do pensamento do Apóstolo,

resta a construção de uma reflexão sistemática. No entanto, isto só terá sentido ‘para mim’ se eu me vir situado em uma relação vivente, seja com o primeiro Adão para compreender minha condição presente, seja com o novo Adão, cujo ato de amor me liga a Deus pela superabundância de sua graça. Esta tomada de consciência deve então desembocar na oração³⁹⁵.

2.2.6.2.

Menções de Is 52,13-53,12 em Rm 5,12-21

Como se pôde apreender no item anterior, em virtude, principalmente, das disputas teológicas e exegéticas a respeito de Rm 5,12, se valorizou sobremaneira a referência a Gn 3 em Rm 5,12-21. Por sua vez, a referência a Is 52,13-53,12 passou despercebida, sendo mencionada somente em 1957 por O. Cullmann e, posteriormente, de modo sumário, por alguns poucos autores apresentados em seguida em ordem cronológica.

A. Oscar Cullmann

O. Cullmann é um dos primeiros a mencionar o fato de que, na argumentação paulina em Rm 5,12-21, não há somente alusões a Gn 3, mas que, como figura oposta a Adão, tem-se Cristo apresentado como o Servo do Senhor de Is 52,13-53,12.

Ele salienta o fato de que mesmo não se encontrando em Paulo citações explícitas de Is 52,13-52,12, com exceção da referência direta a Is 53,4 em Rm 4, 25 e a Is 53,6 em 2Cor 5,21, tendo em vista a singular posição da morte de Jesus na teologia paulina, sua identificação com o Servo Sofredor ocuparia um lugar de destaque no seu pensamento³⁹⁶.

No entanto, para O. Cullmann, as três passagens mais importantes no que diz respeito à cristologia de Paulo (1 Cor 15,3; Fl 2,7 e Rm 5,12-21), “destacam

³⁹⁴ GRELOT, P. *Pour une lecture de Romains 5,12-21*, p. 511.

³⁹⁵ GRELOT, P. *Pour une lecture de Romains 5,12-21*, p. 512.

³⁹⁶ Cf. CULLMANN, O. *Cristologia del Nuevo Testamento*, Salamanca: Sigueme, 1998, p. 131.

sem dúvida alguma a ideia do sofrimento vicário (substitutivo) do Servo de Deus³⁹⁷. Nas duas primeiras passagens Paulo utilizaria elementos da tradição cristã primitiva, os quais são assumidos como próprios nas formulações de 5,12-21³⁹⁸.

O texto de 1Cor 15,3 conteria uma antiga profissão de fé anterior a Paulo, a mais antiga conservada, a qual afirma que “Cristo morreu por nossos pecados segundo as Escrituras”, onde, segundo O. Cullmann, quase sem sombra de dúvidas, “Escrituras” dever-se-ia entender como Is 52,13-53,12³⁹⁹.

Isto seria uma confirmação de que a identificação do Servo do Senhor com Jesus é anterior a Paulo, o qual, deste modo, não teria sido o criador da “doutrina da morte expiatória de Cristo”⁴⁰⁰. Tal proposição seria corroborada pelo fato de que, em Fl 2,6-11, antigo hino da comunidade citado por Paulo, se encontra a ideia de Servo do Senhor aplicada à humilhação de Cristo feito homem (cf. 2,7), onde ‘Ebed se traduz por δοῦλος⁴⁰¹.

Em Rm 5,12-21, segundo O. Cullmann, Paulo “não reproduz uma profissão anterior, mas formula de maneira pessoal sua solução cristológica”⁴⁰². Nesta perícopes se encontrariam “ideias cristológicas essências que remontariam ao próprio Jesus”, ou seja, a do Filho do Homem e a do Servo de Deus. Para o autor Rm 5,19 seria uma alusão ao Servo sofredor de Isaías: “pela obediência de um só, muitos serão justificados”. Segundo O. Cullmann este texto aludiria a Is 53,11: “Meu servo justificará a muitos”⁴⁰³.

B. Joachim Jeremias

Falando da interpretação cristológica que o Novo Testamento faz de textos do Dêutero-Isaías, no seu artigo sobre o verbete παῖς Θεοῦ no *Grande Lessico del Nuovo Testamento*, J. Jeremias afirma sumariamente que há duas referências a Is 52,13-53,12 em Rm 5,12-21. Estas seriam o uso de πολλοί no v. 16 e de οἱ πολλοί no 19, os quais, no entanto, provavelmente seriam fruto da utilização por parte de

³⁹⁷ CULLMANN, O. *Cristologia del Nuevo Testamento*, p. 132.

³⁹⁸ Cf. CULLMANN, O. *Cristologia del Nuevo Testamento*, p. 132.

³⁹⁹ Cf. CULLMANN, O. *Cristologia del Nuevo Testamento*, p. 132.

⁴⁰⁰ CULLMANN, O. *Cristologia del Nuevo Testamento*, p. 132.

⁴⁰¹ Cf. CULLMANN, O. *Cristologia del Nuevo Testamento*, p. 132.

⁴⁰² CULLMANN, O. *Cristologia del Nuevo Testamento*, pp. 132-133.

⁴⁰³ CULLMANN, O. *Cristologia del Nuevo Testamento*, pp. 132-133.

Apóstolo de uma tradição pré-paulina. Tal afirmação vem “sugerida pelo fato de que aí se percebe a utilização do texto hebraico”⁴⁰⁴.

C. André Feuillet

A. Feuillet, mesmo tendo presente que a maioria dos autores omite os contatos “literários e doutrinários” entre Rm 5,12-21 e Is 52,13-53,12, mas, como afirma, seguindo os passos de O. Cullmann e J. Jeremias, defende que o texto paulino em questão “nos reenvia à profecia de Isaías sobre o martírio do Servo sofredor”⁴⁰⁵. Para o autor “os dois textos se esclarecem um ao outro, pois Paulo, o qual emprega o pensamento fundamental do oráculo profético, nos ajuda potentemente, por sua vez, a fixar o seu verdadeiro sentido”⁴⁰⁶.

Mesmo não havendo citações formais de Is 52,13-53,12 em Rm 5,12-21, pode-se, como afirma A. Feuillet, “distinguir alusões que nos parecem indiscutíveis”. Nos dois textos há uma repetição temática: “um só, perfeitamente inocente e dócil à vontade divina consegue para toda a humanidade pecadora o perdão e a reconciliação perfeita com Deus”⁴⁰⁷.

Segundo o autor, para designar o conjunto dos beneficiários da ação salvífica do Servo sofredor, o profeta emprega quatro vezes (52,14.15; 53,11.12) o termo מְרִיבֵי que seguidamente vem traduzido como “muitos”, mas que a versão francesa *Bible de la Pléiade* traduz como “multitudes”, pois o contexto excluiria o sentido partitivo que contém a palavra “muitos”, de modo que “ninguém está excluído desta ação libertadora”, o que viria confirmado por 53,6 onde vem precisado que “todos” são os destinatários desta ação⁴⁰⁸.

Do mesmo modo, em Rm 5,12-21, a um só Cristo Salvador se opõem os numerosos salvos que vêm designados por “muitos” (οἱ πολλοί) nos vv. 15 e 19 e por “todos” (πάντες) no v. 18⁴⁰⁹.

⁴⁰⁴ JEREMIAS, J. πᾶς Θεοῦ. In: Kittel, G. - Friedrich, G. (orgs.). *Grande Lessico del Nuovo Testamento*, Vol. IX. Brescia: Paideia, 1970, p. 409.

⁴⁰⁵ FEUILLET, A. *L'Épître aux Romains*. DBS, t. X, fasc. 56, 1983, col. 819.

⁴⁰⁶ FEUILLET, A. *L'Épître aux Romains*, col. 819.

⁴⁰⁷ FEUILLET, A. *L'Épître aux Romains*, col. 819.

⁴⁰⁸ Cf. FEUILLET, A. *L'Épître aux Romains*, col. 819.

⁴⁰⁹ Cf. FEUILLET, A. *L'Épître aux Romains*, col. 819.

Com base nestas afirmações o autor questiona como não seria possível ver na asserção de Rm 5,19: “pela obediência de um só a multidão será justificada” uma alusão intencional a Is 53,11: “O justo meu servo justificará as multidões”⁴¹⁰.

A. Feuillet chama ainda a atenção a uma particularidade do texto paulino em questão, a qual poderia se explicar pela sua relação com o texto de Isaías: enquanto que em todos os outros textos paulinos o ato de justificação é ligado à iniciativa do Pai, em Rm 5,19, no entanto, ele parece ser atribuído a Cristo como em Is 53,11 é atribuído ao Servo sofredor⁴¹¹.

Para concluir, o autor afirma que colocando de um lado o Único Salvador (“pela obediência de um só”) e do outro a multidão dos salvos, Paulo deixa entender que rejeita a interpretação coletiva da figura do Servo de Is 52,13-53,12⁴¹².

D. David Michael Stanley

Para Stanley, Rm 5,12-21 apresenta “o mais completo e original retrato de Cristo como redentor que Paulo nos legou”⁴¹³. Tal originalidade pode ser mensurada pelo fato de o texto supracitado apresentar uma síntese inédita na qual se pode distinguir o valor teológico das sínteses anteriores que foram utilizadas na sua elaboração, ou seja, a “representação palestinese de Cristo como ‘Ebed Yahweh’” combinado com as vantagens encontradas no simbolismo adâmico da história da criação veterotestamentária⁴¹⁴. Segundo o autor,

a grande contribuição desta nova imagem de Cristo como o segundo Adão é o seu caráter essencialmente representacional. Nós vimos que a misteriosa identificação da comunidade cristã com Cristo era uma característica da experiência mística que realizou a conversão de Paulo⁴¹⁵.

Segundo Stanley, a soteriologia do Servo de Isaías é perceptível na descrição que Paulo realiza de Cristo como segundo Adão. De fato,

a fórmula do Deutero-Isaías, “os muitos”, com a qual descreve o resto da humanidade em relação ao Servo reaparece perpassando toda a presente perícope (cf. vv. 15 e 19 onde a expressão é usada duas vezes).

⁴¹⁰ Cf. FEUILLET, A. *L'Épître aux Romains*, col. 819.

⁴¹¹ Cf. FEUILLET, A. *L'Épître aux Romains*, col. 819.

⁴¹² Cf. FEUILLET, A. *L'Épître aux Romains*, col. 819.

⁴¹³ STANLEY, D. M. *Christ's Resurrection in the Pauline Soteriology*. Roma: E. Pontificio Instituto Biblico, 1961, p. 177.

⁴¹⁴ STANLEY, D. M. *Christ's Resurrection in the Pauline Soteriology*, p. 177.

⁴¹⁵ STANLEY, D. M. *Christ's Resurrection in the Pauline Soteriology*, p. 177.

A nota de obediência que aparece aqui (...) é concebida em oposição à desobediência de Adão. Deste modo, Paulo torna explícito o conceito que pertence ao caráter do ‘Ebed Yahweh, mas que nunca foi realmente expresso no Quarto Cântico do Servo⁴¹⁶.

E. Otfried Hofius

Segundo O. Hofius, em Rm 5,15-19, existe uma referência direta a Is 52,13-53,12, através da qual Paulo demonstraria que o ato salvador de Cristo, sua “morte vicária pelos pecadores e pelos ímpios (Rm 5,6.8), traz ‘justificação’ para ‘muitos’” (cf. Rm 5,16b.17b.18b.19b). Esta menção a “os muitos” (οἱ πολλοί) poderia ser emprestada de Is 53 e a expressão δίκαιοι κατασταθήσονται οἱ πολλοί de Rm 19b “será baseada em Is 53 diretamente”⁴¹⁷.

No entanto, o autor chama a atenção para o fato de que não se deve esquecer que Rm 5,12-21 fala da morte de Cristo como um evento que produz a inclusão dos “muitos”, “de modo que as palavras δίκαιοι κατασταθήσονται οἱ πολλοί para Paulo implicam sem dúvida o aspecto da nova criação”⁴¹⁸.

Em síntese, neste *excursus* no qual buscou-se aplicar o critério da História da interpretação pôde-se apreender que quase todos os leitores posteriores de Rm 5,12-21 foram incapazes de ouvir todos os “ecos intertextuais” produzidos pelas alusões, para utilizar esta expressão no sentido proposto por Hays, na caverna de efeitos ressonantes da história. Provavelmente teria isto ocorrido pela interferência ocasionada pelo barulho ensurdecido das discussões a respeito de problemas dogmáticos, nas quais se destacam as questões relativas à Antropologia Teológica, a que tão bem se prestou o texto paulino desde Irineu de Lião, passando por Agostinho até chegar aos dias atuais. Em tais discussões, por ser mais adaptada às argumentações, supervalorizou-se os efeitos de sentido produzidos pela alusão a Gn 3 e passou despercebida, no entanto, a importante referência a Is 52,13-53,12, que só será mencionada em 1957 por O. Cullmann⁴¹⁹ e, posteriormente, de modo sumário, por alguns poucos autores como se pode perceber.

⁴¹⁶ STANLEY, D. M. *Christ's Resurrection in the Pauline Soteriology*, p. 178.

⁴¹⁷ HOFIUS, O. *The fourth Servant Song in the New Testament*. In: Janowski, B. – Stuhlmacher, P. (eds.), *The Suffering Servant: Isaiah 53 in Jewish and Christian Sources*. Grand Rapids: Eerdmans, 2004, p. 182.

⁴¹⁸ HOFIUS, O. *The fourth Servant Song in the New Testament*, p. 183.

⁴¹⁹ Cf. CULLMANN, O. *Cristologia del Nuevo Testamento*, pp. 131-133.

É de dever sublinhar mais uma vez o caráter inconclusivo deste critério, primeiro pelo fato de os leitores posteriores pertencerem a um contexto totalmente diverso dos destinatários da missiva e, ainda, pelas razões colocadas no parágrafo precedente.

2.2.7.

Satisfação

Tendo as alusões acima propostas conseguido suficientemente ultrapassar os obstáculos no que se refere à aplicação dos critérios anteriores, chega-se à conclusão deste labor submetendo-as à prova decisiva: faz sentido a utilização dessas alusões no seu contexto imediato? Elas iluminam o discurso circunstante aumentando a força retórica da argumentação paulina nos oito primeiros capítulos da Carta aos Romanos que são o bloco que lhes serve de contexto? Elas conseguem de modo satisfatório fazer com que o leitor se dê conta do efeito produzido pela relação intertextual?

Paulo, nos quatro primeiros capítulos da Carta aos Romanos, emprega todos os seus esforços para demonstrar a tese principal da missiva: o evangelho é força de Deus para salvar o mundo mediante a fé, manifestando assim a justiça de Deus (cf. Rm 1,16-17). Para demonstrar tal tese, empregando as cores mais horrendas, pinta um quadro no qual descreve a situação da humanidade, onde judeus e gentios são condenados por um veredicto implacável que não admite exceções e privilégios: πάντες γὰρ ἥμαρτον καὶ ὑστεροῦνται τῆς δόξης τοῦ θεοῦ, “todos pecaram e foram privados da glória de Deus” (Rm 3,23).

Este é o quadro perfeito para a manifestação da “justiça de Deus” da qual se fala na tese principal da Carta (Rm 1,16-17). No entanto, esta pode ser compreendida somente à luz de sua relação antitética com a expressão ὀργή θεοῦ, “ira de Deus” de que fala o versículo seguinte (cf. Rm 1,18). De fato, à proposição geral de Romanos, segue, em estreita relação de paralelismo com o versículo precedente, uma *subpropositio* que será desenvolvida nesta secção: “Manifesta-se a ira de Deus do céu sobre toda impiedade e injustiça dos homens que detêm a verdade com a injustiça” (Rm 1,18). Indício deste paralelismo é a utilização em ambas as construções do verbo ἀποκαλύπτω na sua forma passiva ἀποκαλύπτεται.

Entendendo, portanto, a “justiça de Deus” a partir de uma relação de oposição com a “ira de Deus”, diante da situação desesperadora da humanidade, tal justiça se manifesta na história como misericórdia que age através de Jesus Cristo em favor de todos aqueles que pela fé a ele aderem, sendo assim “justificados gratuitamente pela sua graça através da redenção que se concretiza em Jesus Cristo” (Rm 3,24).

É esta a grande novidade do cristianismo apresentada por Paulo em Romanos: a salvação pela fé naquele que ressuscitou Jesus Cristo dos mortos, o qual foi entregue por nossas faltas e ressuscitou para nossa justificação (cf. Rm 4,24-25; Is 53,12). Tal novidade no que se refere à salvação mediante a fé que é imputada como justiça (cf. Rm 4,19-23) vem embasada pela *probatio ex Abraham* no capítulo 4 de Romanos, mas é em Rm 5,12-21 que Paulo, valendo-se de forma magistral da tradição judaica como foi destacado acima quando se tratou do critério da coerência temática, demonstra ser um só homem a operar a salvação de toda a humanidade. De fato, se o judaísmo aceita o fato de que por um indivíduo entrou a força do pecado no mundo, deve aceitar também, com muito mais razão, a possibilidade de que um justo possa justificar os muitos e carregar sobre si as faltas dos transgressores como alguns judeus o fizeram (cf. Is 52,11-12).

Portanto, Rm 5,12-21, através de suas alusões a Gênesis e Isaías, é a demonstração de tudo o que foi colocado anteriormente por Paulo a respeito do papel redentor de Jesus Cristo. Mas a sua função, como se verá mais adiante, não se limita a isto. Tal perícopo abre uma nova seção com os vv. 20-21 que na verdade são uma *subpropositio* desenvolvida pelas sucessivas *probationes*, as quais terão por objeto exatamente os efeitos da ação redentora daquele que carregou sobre si os pecados dos muitos, ou seja, da vida nova do cristão, o qual foi liberto por Cristo da escravidão do pecado (cf. Rm 6,1-23), da Lei (cf. Rm 7,1-25) e é chamado a viver na esperança e no amor a vida no Espírito (cf. Rm 8,1-39)⁴²⁰. Neste contexto, a *synkrisis* formada pela comparação da ação de Adão e de Cristo visto a partir do texto isaiano tem a função “de uma *narratio*, que precede às vezes a *probatio*, lhe fornecendo as *semina propositionum*, ou mesmo provas para os fatos (...)”⁴²¹.

Pode-se afirmar deste modo que as alusões a Is 52,13-53,12 em Rm 5,12-21 se adaptam de maneira excelente ao contexto e dão grande vigor ao tecido

⁴²⁰ Cf. ALETTI, J-N. *Romains 5,12-21. Logique, sens et fonction. Biblica* 78.1 (1997) 26-30.

⁴²¹ ALETTI, J-N. *Romains 5,12-21. Logique, sens et fonction*, p. 31.

argumentativo elaborado por Paulo para demonstrar pontualmente que διὰ τῆς ὑπακοῆς τοῦ ἐνὸς δίκαιοι κατασταθήσονται οἱ πολλοί “através da obediência de um, justos serão constituídos os muitos” (Rm 5,19). Pode-se afirmar também que, pelo papel exercido pelas alusões a Is 52,13-53,12 na argumentação, torna-se praticamente impossível que os destinatários da Carta aos Romanos não tenham percebido satisfatoriamente tais alusões e o efeito de sentido por elas produzido.